

SOPHIE CALLE *cuide de você*

AQUI VOCÊ ENCONTRA AS TRADUÇÕES NECESSÁRIAS À COMPREENSÃO DAS INTERPRETAÇÕES TEXTUAIS QUE COMPÕEM A VERSÃO BRASILEIRA DA EXPOSIÇÃO SOPHIE CALLE *cuide de você*.

**ESTA BROCHURA É DE USO EXCLUSIVO DOS VISITANTES
DURANTE A PERMANÊNCIA NO ESPAÇO EXPOSITIVO. POR
FAVOR, AO DEIXAR A SALA, ENTREGUE-A A UM MEDIADOR.**

ADOLESCENTE, Anna Bouguereau 04
ADVOGADA, Caroline Mécary 05
ASSISTENTE SOCIAL PENITENCIÁRIA, M. L. 07
BACHAREL PELA ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE, Mazarine Pinget 08
COMPOSITORA, C. Chassol 15
CONSULTORA DE ETIQUETA E PROTOCOLO, Condessa Von Toggenburg 16
CONTADORA, Sylvie Roch 18
CRIMINOLOGISTA, Michèle Agrapart-Delmas 19
CURADORA, Christine Macel 21
DELEGADA DE POLÍCIA, F. G. 22
DIPLOMATA, Leila Shahid 23
ESCRITORA, Christine Angot 24
ESCRITORA DE CARTAS, Rafaèle Decarpigny 25
ESCRITORA DE LIVROS INFANTOJUVENIS, Marie Desplechin 26
ESCRITORAS DE LIVROS ROMÂNTICOS, Anne e Marine Rambach 32
ESCRITORA DE PALAVRAS CRUZADAS, Catherine Carone 34
ESPECIALISTA DA ONU EM DIREITOS DA MULHER, Françoise Gaspard 36
ESTUDANTE, Ambre 37
ETNOMETODOLOGISTA, Barbara Olszewska 38
FILÓLOGA, Barbara Cassin 39
FILÓSOFA, Catherine Malabou 42
HEADHUNTER, Christiane Cellier 43
HISTORIADORA ESPECIALIZADA EM SÉCULO 18, Arlette Farge 44
INTÉRPRETE DO TALMUDE, Eliette Abécassis 45
JOGADORA DE XADREZ, Nathalie Franc 46
JORNALISTA, Florence Aubenas 47
JORNALISTA DE AGÊNCIA DE NOTÍCIAS, Bénédicte Manier 48
JUÍZA, X. 49
LATINISTA, Anne-Marie Ozanam 50
MÃE, Monique Sindler 52
OFICIAL DA INTELIGÊNCIA FRANCESA, Louise 53
PESQUISADORA DE LEXICOMETRIA, Micheline Renard 54
POETA, Anne Portugal 55
PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL, Laure Guy 56
PSIQUIATRA, Françoise Gorog 57
REVISORA, Valérie Lermite 58
ROMANCISTA E LETRISTA, Marie Nimier 59
ROTEIRISTA, Anne-Louise Trividic 60
SEXÓLOGA, Catherine Solano 62
SUBEDITORA-CHEFE, Sabrina Champenois 63
TRADUTORA, Adriana Hunter 64
TRADUTORA DE LINGUAGEM SMS, Alice Lenay 66
VIDENTE, Maud Kristen 67

ADOLESCENTE
Anna Bouguereau

Ele se acha!

re: CALLE/X

Prezada senhora

Li com muito atenção a carta de separação que lhe foi enviada por X., a qual me foi encaminhada, pela senhora, para análise.

Se não há amor ideal aqui, esta missiva indica certamente uma combinação de infrações, ou seja, o fato de cometer simultaneamente várias infrações em um só ato.

A senhora me informou que X. se apresentou como escritor. Pode-se duvidar dessa capacidade, pois, na carta que a senhora recebeu, os seguintes elementos podem ser notados:

- a falsidade da escrita.
- a linguagem rígida, incorpórea e superficial.
- repetições.
- falta de concordância dos tempos verbais.

Segundo o Artigo 313-1 do Código Penal francês: “Fraude é, com o uso (...) de falsa capacidade, (...) enganar pessoa física ou jurídica de forma a conduzi-la ao seu próprio prejuízo (...) prestar um serviço ou consentir um ato que demande ou dispense uma obrigação”.

No presente caso, a “falsa capacidade” de escritor – que, de acordo com a jurisprudência, pode ser resultado “da afirmação mentirosa de uma profissão privada” (Crim 26, junho 1974) – parece claramente comprovada.

2. No contexto do comércio amoroso, que a senhora descreveu para mim, também há indicação de que a senhora foi enganada, não só como mulher, mas também na sua condição de consumidora.

Ao ler a carta, pode-se observar que:

- X. é egocêntrico e narcisista,
- X. está com medo do “desassossego”,
- X. não é generoso,
- X. recusa qualquer debate,
- X. não quer perder coisa alguma,
- X. somente pensa no dano que ele sofre

Todos estes elementos atestam fraude no que diz respeito à natureza, à forma, à composição e às qualidades substanciais de um homem apaixonado.

O Artigo L 213-11 do código de defesa do consumidor francês prevê punição de dois anos de prisão e/ou multa de €37,500 para “qualquer um que tenha enganado ou tentado enganar a parte contratante por meio de qualquer tipo de procedimento (...) em relação à natureza, à forma, à origem, às qualidades substanciais, à composição ou ao conteúdo dos princípios úteis de quaisquer bens”.

Sendo o comércio amoroso não só o mais antigo, mas também mediado ao extremo, certamente o Tribunal condenará X. à prisão por tê-la enganado quanto ao vínculo amoroso.

Conclusão: a carta que a senhora recebeu lhe dá grandes chances de ver X. condenado pelo tribunal por fraude e engano no que diz respeito às qualidades substanciais dos bens.

O dano causado ainda está para ser definido: tempo perdido? Agressão ao ego? Doação de si a uma “falsa capacidade”?

Cabe à senhora, mesmo antes de chegar ao promotor público, julgar a conveniência de uma ação legal. Será que a senhora não estaria dando crédito demais a X., ao dar-lhe um papel na cena judiciária?

Estou à sua disposição para discutir mais profundamente esse caso. Atenciosamente,

ASSISTENTE SOCIAL PENITENCIÁRIA
M. L.

Com x. prisioneiro

Acredite-me, essa carta é um maravilhoso símbolo de confiança, respeito e amor.

Esse homem tem uma imagem positiva de você e isso deve ajudá-la a ter sua confiança de volta e a recuperar a autoestima perdida pelo fato de você estar na prisão.

Aconselho você a guardar essa carta que, tenho certeza, irá lhe dar força na solidão da sua cela.

Apesar de ser uma carta de rompimento, eu recomendo que você a leia novamente sempre que a tristeza dominá-la.

BACHAREL PELA ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE Mazarine Pingot

Análise Textual.

Como não sabemos de onde esse trabalho foi extraído, o texto será analisado de forma isolada, sem referências externas. No entanto, é uma carta e, como tal, se refere a um destinatário, “Sophie”, e à posição do escritor que desde o começo se coloca em um diálogo. Talvez um diálogo de mão única, já que se trata de um término de relacionamento, contudo, um diálogo, pois o autor está falando com uma mulher específica. De fato, trata-se de uma intenção parcial, pois o autor tenta justificar uma ação primariamente sob o seu ponto de vista, e o destinatário pode ser simplesmente um mero pretexto. A autoanálise supera a função puramente informativa, e obtemos mais informação sobre o estado de espírito do autor do que sobre a personalidade do indivíduo com quem ele está falando. Essa carta se refere a uma relação amorosa, e podemos deduzir suas principais características, o que pode, em parte, explicar alguns parágrafos. É fácil definir o gênero, porque ela pode ser interpretada como uma típica carta de rompimento, da mesma forma como há um padrão nas cartas de demissão.

Esse texto compreende uma introdução que é, no mínimo, obscura, uma seção principal indefinida e uma conclusão.

A primeira sentença define o contexto e, ao mesmo tempo, sutilmente anuncia o teor da carta: “Há algum tempo venho querendo lhe escrever e responder ao seu último email”. A expressão “há algum tempo” combinada com o verbo de vontade “querer” cria imediatamente um paradoxo. Então, a intenção foi adiada. Por quê? O uso da primeira pessoa indica que autor está completamente envolvido no que está falando, o que, afinal de contas, é o mínimo que se pode esperar, e de certa forma relativiza a discrepância entre a expressão deliberadamente vaga “há algum tempo” e o verbo “querer”. O autor usa o pronome formal de tratamento [*vous*]. Isso não significa uma distância educada, pois ele não está respondendo a um e-mail qualquer, mas ao “último”, então, logo depreendemos que outros o precederam. A sequência de dois verbos é reveladora: “escrever” e “responder”. Nota-se a necessidade de repetir algo que parece ser a mesma coisa, mas nunca é, como se existisse uma constante hesitação entre dois desejos. Mas pode se tratar também da simples expressão de consciência pesada. O autor não está seguro de si. E o ato de escrever e o de responder certamente não são idênticos. Se o ato de responder inclui escrever, escrever não inclui uma resposta. Então, essa carta é, ao mesmo tempo, uma resposta, mas, acima de tudo, uma mensagem independente de qualquer correspondência. Portanto, a carta é mais importante do que a resposta, na medida em que constitui uma resposta geral a um relacionamento amoroso, enquanto que a resposta está ligada apenas ao último e-mail. O texto seria mais elegante se tivesse sido enviado como uma carta independente, e não como uma resposta que faz parte de uma longa correspondência. Mas parece que o autor tem a necessidade de situar essa carta dentro de uma continuidade para dotá-la de sentido, que aparentemente desertou sua existência. A tentativa é ingênua ou equivocada.

A referência ao tempo é insistente, porém, deliberadamente vaga, o que sustenta a tese da falta de continuidade e, portanto, de coerência, como mencionado acima: “Ao mesmo tempo, me pareceria melhor conversar com você e dizer o que tenho a dizer de viva voz”; “...há algum tempo” e “ao mesmo

tempo”: que temporalidade é essa, senão a da indecisão crônica, que é precisamente atemporal?

As intenções do autor já são obscuras, mesmo antes de ele chegar ao ponto.

Mais uma vez, temos uma repetição: “conversar com você e dizer o que tenho a dizer de viva voz”. O verbo “conversar” não pede sempre um objeto; pode ser um verbo intransitivo e sugerir o simples desejo de se abrir. Por outro lado, “dizer” implica algo a ser dito, e é muito mais preciso. Ele nos aproxima do objetivo da carta: dizer que está tudo acabado. Principalmente porque essa perífrase é redundante: “dizer o que tenho a dizer de viva voz” só pode ser seguido de um “mesmo assim”, que introduz a segunda virada: no final, o autor decide escrever e não falar, por mais que essa segunda solução lhe “pareça melhor”. A posição do autor é tudo, menos clara. Pode-se suspeitar que a única justificativa para a incoerência e o estilo errático da mensagem seja uma boa dose de covardia. Mas isso também pode ser simplesmente resultado de um turbilhão de emoções e de escrúpulo.

O objetivo do texto não é mencionado e nunca o será, como se fosse muito difícil designar uma separação pela própria palavra; como se palavras fossem definitivas demais para ser usadas diretamente, sem rodeios. Nessa carta, há claramente um medo de dar nome às coisas. Isso parece contradizer as últimas palavras: “Mas pelo menos será por escrito”. Mas a única coisa que é escrita é exatamente essa coisa dispersa e indefinida que o autor tenta circunscrever ao corpo do texto. Essa carta de rompimento é um virtuoso exemplo da arte de conseguir nunca dizer do que se trata. Essa é a função do escritor, ou ele usa essas ferramentas para driblar seu destino?

O outro é evocado como testemunha e, mais que isso, como confidente. O autor é muito inteligente ou perverso, para incluir em sua própria derrota a mulher a quem ele se dirige. E, fazendo isso, ele insinua que ela teve participação ativa no término de tudo, mas que, ao mesmo tempo, ela não pode se distanciar: “Como você pôde ver, não tenho estado bem ultimamente”. Mais uma vez, o uso de uma indicação de tempo vaga, insistente e confusa. O estilo não é refinado, o que pode ser um sinal de autenticidade. O uso do pretérito perfeito composto corresponde a essa mesma confusão temporal, a não ser, é claro, que se trate apenas de um tique literário. Mas a repetição de “como” não parece ser uma técnica literária. “É como se não me reconhecesse na minha própria existência.” O uso de “como se”, muito conhecido na psicanálise, é outra maneira de resistir a “dizer”, uma forma ingênua de proteção, uma fórmula redundante que serve para evitar o uso de outra mais direta: “Não me reconheço na minha própria existência”. O excesso de verbos na primeira pessoa e adjetivos pessoais (“estou”, “meu”, “minha própria existência”) denota uma fraqueza de identidade, que pretende ser camuflada com o uso de “é como”. Em seguida, a frase nominal descreve essa sensação de hesitação ou confusão existencial: “Uma espécie de angústia terrível”. O autor responde a essa ansiedade se isentando de qualquer responsabilidade – “contra a qual não posso fazer grande coisa” – e propondo uma solução, uma resposta fácil que parece ser o resultado direto de uma fatalidade: “senão seguir adiante para tentar superá-la”. E segue essa irrefutável oração: “como sempre fiz”. O escritor se submete ao que ele acredita governá-lo, algo que parece não fazer parte dele, uma força destrutiva contra a qual ele nada pode. É como se a carta de rompimento estivesse sendo redigida por essa força independente. Vendo por esse lado, o autor não é responsável. No entanto, agora o tempo volta à cena: se anteriormente era vago, agora torna-se urgente: a corrida contra a inquietude começou. E é exatamente essa corrida que simboliza a separação sugerida, mas nunca explicitada, uma corrida semelhante a um furacão que varre tudo que encontra pela frente.

Na sentença seguinte, o autor finalmente faz menção à destinatária. Essa mulher impôs uma condição quando eles se conheceram: “não ser a ‘quarta’”. O que sugere que havia um trio e que, sem dúvida,

essa figura era simbólica. Há três mulheres específicas ou se trata de uma permanente necessidade de três mulheres, o que corresponde a uma personalidade fragmentada? Além disso, essa condição nos diz que existia a possibilidade de ela se tornar a quarta; caso contrário, por que insistir nesse contrato de exclusividade? Na verdade, o termo exclusividade não é apropriado. Não ser a quarta não sugere que ela não poderia ser a segunda ou a terceira. No entanto, a necessidade de um pacto mostra que houve uma ruptura deliberada e aceita no estilo de vida do autor, e que esse estilo de vida está retornando. O autor afirma ter mantido sua “promessa” e parado de ver “as ‘outras’”, como se isso fosse uma grande prova de amor. É isso? Será que o fato de deixar de ver as outras constitui um sacrifício grande o bastante para ser considerado um sinal de comprometimento? Não seria normal “parar de ver ‘as outras’”, quando se começa um relacionamento? Não estaria o autor exagerando seu heroísmo para justificar seu “lapso”? Contudo, talvez a poligamia fosse um estilo de vida conscientemente adotado e até necessário. Nesse caso, essa renúncia certamente representaria um esforço, que seria esclarecedor no que diz respeito ao resto da carta. Porém, a parte mais surpreendente é a continuação da sentença: “não achando obviamente um meio de vê-las, sem fazer de você uma delas”. Ele tentou encontrar um meio? E então, ao falhar, ele abandonou de forma obediente a labiríntica construção dessa relação *à quatre* pelo amor de uma pessoa? O advérbio “obviamente” enfraquece essa hipótese. Mas se deixar de ver essas mulheres para evitar que a destinatária se torne uma delas parece algo que obviamente deve ser feito, então, por que ele escreve isso? Acontece que essa renúncia não foi total, e essas palavras expressam certo lamento por não ter conseguido montar aquele harém. Talvez até um amargor inconsciente, pois não há em toda carta de rompimento certo rancor pela pessoa que se está deixando? Um rancor relacionado à consciência pesada pelo sofrimento causado?

Porém, muitas são as contradições presentes nessa carta. Devemos, portanto, aceitá-las e entender o que está por trás delas, sem tentar decifrá-las. Essa sentença é longa e confusa; há nela um excesso de palavras e de emoções que parecem transbordar a sintaxe: “Achei que isso bastasse; achei que amar você e o seu amor seriam suficientes para que a angústia que me faz sempre querer buscar outros horizontes e me impede de ser tranquilo e, sem dúvida, de ser simplesmente feliz e ‘generoso’, se aquietasse com o seu contato e na certeza de que o amor que você tem por mim foi o mais benéfico para mim, o mais benéfico que jamais tive, você sabe disso”. Há muitos casos de anáforas aqui, e o fluxo ininterrupto da sentença também evoca uma certa verbosidade. Os erros de sintaxe podem, sem dúvida, ser explicados pela emoção: “que amar você e o seu amor” (estranha fórmula essa, já que o verbo e o substantivo não têm o mesmo status: “amar você” é uma ação, limitada no tempo, enquanto amor é um sentimento, o que evidencia sua qualidade absoluta) “seriam suficientes para que a angústia [...] se aquietasse”. Por que essa abundância de proposições, esse entrelaçamento sem fim de orações substantivas, esse uso excessivo de “que” e “de”; por que usar esses advérbios definitivos “sempre” e “jamais”? Esse escritor não é um virtuoso da eloquência. Não há dúvidas de que seu desempenho seja melhor quando suas emoções estão sob controle. Mas a “ansiedade” dominou sua caneta. Ela se move mais rapidamente do que seu desejo de fazer algo bem feito, de fazer algo bonito – em suma, de fazer algo. Essa frase emociona por sua falta de equilíbrio, mesmo que seu conteúdo seja um tanto dúbio: fatalidade, falta de força de vontade, abandono – em poucas palavras, todos os ingredientes da covardia. Esse homem está impedido, impedido de ser “generoso”. O uso de aspas mostra que na verdade ele não é tão bobo, que ainda consegue ser irônico em uma situação de desespero. Mas seria essa ironia suficiente para absolvê-lo? Pode alguém se esconder impunemente atrás de uma “força” superior a qualquer vontade, a qualquer esforço e até a toda humanidade? Pode-se realmente fazer da crueldade algo irresponsável? Ele se coloca

como vítima da sua própria falta de generosidade, enquanto outra pessoa sofre com isso! Uma bela reviravolta. Principalmente porque ele novamente fala do amor que essa mulher tem por ele, e não do amor que ele próprio sente. Agora, a função principal desse amor era ser “mais benéfico para mim”. O autor se apresenta como alguém gravemente doente, enquanto a mulher é a enfermeira desejada. Porém, uma enfermeira a quem se diz que o tratamento não é apropriado, que ela não conseguiu salvá-lo e que, portanto, o verdadeiro culpado pelo fim do relacionamento é a mulher e não o autor, que é vítima da injustiça da vida. Essa separação é vista como um fracasso pelo qual o escritor não é culpado. Certamente, a função dessa carta é inocentá-lo.

A função tanto da escrita quanto do amor da destinatária dessa carta é de servir de remédio. O variado campo léxico das doenças e da medicina dá ao autor o fio condutor de sua argumentação. A literatura é, portanto, comparada a uma tentativa de terapia. Os cuidados e a bondade da destinatária não foram suficientes para aliviar o “desassossego” do autor. Tanto a realidade quanto a arte foram julgadas e declaradas insatisfatórias, revelando-se inúteis como refúgios para essa pessoa que, no entanto, se define como homem e escritor, de modo que tudo que reste dele seja uma figura de vítima. Admissão do fracasso: “Mas não. Estou pior ainda; não tenho condições sequer de lhe explicar o estado em que me encontro”. E, então, a ansiedade se espalhou: trata-se de ansiedade, mas o autor claramente prefere o uso de pronomes demonstrativos – “esse,” “aquele” – a dar nome ao seu mal. E esse sofrimento, que recusa ter seu nome revelado, o impede de se expressar: “Não tenho condições sequer de lhe explicar”. E, de fato, no início do texto, tínhamos a impressão de que o autor já tinha decidido não “dizer”. Talvez agora tenhamos uma explicação para essa desistência: impossibilidade. Mas essa impossibilidade está relacionada ao ato de dizer ou ao objeto do dizer? O estado em que ele se encontra? Essa necessidade de insistir no fato de ele estar falando de si mesmo é estranha, como se estivesse desprovido de sua identidade: “o estado em que me encontro” [“em que estado eu me encontro em mim mesmo”]. Estaria ele em um estado ou nele mesmo? O estado está nele ou ele está no estado? A incoerência sintática sugere um interessante desdobramento ou, no mínimo, uma perda de orientação, uma perda de distinção entre o exterior e o interior, uma confusão entre si mesmo e o estado, a substância e o acontecimento. De qualquer forma, a bomba cai, introduzida por um “Então”, que sugere consequência lógica ou, pelo menos, sintática: “Então, esta semana, comecei a procurar as ‘outras’”. Pela primeira vez, temos uma marcação temporal precisa: um tempo presente no qual há apenas um começo. Mas será que “começar a procurar as ‘outras’” se refere a um começo no sentido estrito do termo? O verbo “procurar” corresponde a um ato que contém sua própria realização. Principalmente porque o verbo “começar” está no pretérito perfeito. Você não começa a procurar alguém, a não ser que começar signifique simplesmente dar o primeiro passo. Não é esse o caso. De fato, parece que as palavras querem dizer que ele tenha começado algo, sim, mas que esse algo é o ciclo descrito anteriormente, uma viagem rumo à dispersão. O autor procurou as outras e, nesse sentido, começou a terminar o relacionamento. Então, a separação é consequência desse começo, e não o contrário: ele não terminou a relação para começar a procurar as outras. A cronologia é um dado importante aqui, e o ato de terminar o relacionamento está em meio a um turbilhão de acontecimentos no qual ele afirma não ter participação ativa. E ele continua: “E sei bem o que isso significa para mim e em que tipo de ciclo estou entrando”. CQD. O autor está plenamente consciente do que está acontecendo com ele e dessa forma se exime, plenamente, de qualquer responsabilidade. Ele parece estar tentando descrever a brecha que existe entre consciência e ação – o defeito na sua existência: ele assiste impotente à sua própria “entrada” nesse “ciclo”.

Mas ele cai em si e coloca na mesa as cartas da honestidade. Ele pode não ser corajoso, mas não se rebaixaria a ponto de mentir. E essa coragem deveria redimi-lo da covardia anterior. No entanto, ao mesmo tempo em que ele jura nunca ter mentido, ele também admite não saber como falar com ela. Será que esse silêncio e essa verbosidade não escondem um certo tipo de mentira? Já que ele “começou a procurar as ‘outras’”, qual o intervalo entre o envio dessa carta e o começo/a consumação da procura? “Jamais menti para você e não é agora que vou começar” soa estranhamente como omissão da verdade, ou até mesmo negação. “Agora” vem depois de “essa semana”, portanto, a mentira aconteceu antes da afirmação definitiva: “Jamais menti para você”. Se ele não vai “começar” agora, ele, de fato, por outro lado, “começou” a procurar as outras há uma semana. Então, quando a traição “começou”?

O autor agora chega à segunda regra da destinatária. Lembremos que a primeira era ela não se tornar “a quarta”. Portanto, esse relacionamento é fundamentado em um código civil muito preciso cujos artigos foram escritos por apenas uma das partes, sendo a outra parte obrigada a submeter-se a eles. À primeira vista, isso confere à destinatária o papel de legisladora, e também o de juiz todo-poderoso. Contudo, ao prestarmos mais atenção, vemos que essas regras são completamente negativas (como frequentemente são as leis). Uma delas é uma condição, a outra é uma projeção: a mulher que as decretou coloca uma espécie de trava de segurança no que ela pressentia ser uma provável fraqueza do homem que ela encontrara. Esse limite imposto é, além de uma tentativa de controle, um teste imposto ao amante. “Houve uma outra regra que você impôs no início de nossa história: no dia em que deixássemos de ser amantes, seria inconcebível para você me ver novamente”. Essa regra é um aviso. Posta no começo do relacionamento, ela contém o fim dele. Cercado por esse dois limites, o relacionamento faz sentido somente dentro de um tempo limitado. O termo “amantes” diz muito a esse respeito. Aparentemente, nunca se tratou de uma relação marital ou “estável”. O tom está dado, mas isso também é feito para contrastar a condição de amante à de amigo e, conseqüentemente, um certo tipo de relacionamento que exclui qualquer outro. Portanto, exclusividade é a lei maior sob a qual estão postas essas regras. E a exclusividade é exatamente a pedra no caminho, o obstáculo para uma possível continuação. O rompimento é consumado nessa transição que, apesar de abrupta, carrega o significado latente dessa carta: “Você sabe que essa imposição me parece desastrosa, injusta [...] e compreensível”. Com isso, o autor se coloca na posição de homem que foi abandonado, ou que se separou, e já está medindo o que para ele são as dolorosas conseqüências de uma ação cuja fonte, no entanto, é ele próprio. Então, em vez de falar abertamente do rompimento, ele lamenta aquilo no que resultará: um rompimento! Porém, um rompimento no sentido pesado da palavra, um rompimento sem compromisso. Entendemos que ele quer terminar o relacionamento, mas “não exatamente”; ele quer deixar, mas manter; quer ir, mas ficar e ser cuidado, perdoado, entendido. Então, o que parece incompreensível é o fato de a outra pessoa se recusar a vê-lo novamente. Talvez ele vá pedir um motivo, uma explicação para tal brutalidade que se sobrepõe à brutalidade do seu próprio ato, eclipsando-o. Mais uma vez, o autor se coloca na posição de vítima das conseqüências do seu próprio ato: conseqüências que não se devem a ele, mas à regra decretada pela Outra. Há aqui, claramente, uma negação de alteridade, uma explosão desesperada de narcisismo. E ela tem seu lado regressivo: “já que você ainda vê B. e R.”: o ciúme do garotinho que não consegue entender seu destino, apesar de ser o único responsável por ele. E, então, seu argumento se resume a uma grande tentativa de fugir da responsabilidade. Sem dúvida, isso é necessário para o impossível ato de partir. A conclusão a qual ele chega é definitiva, mas é também a que expressa mais claramente o rompimento: “com isso, jamais poderia me tornar seu amigo”. Ao escrever que ele não pode se tornar amigo dela, ele também expressa o fato de não ser mais seu amante. Mas com pesar. Conseqüentemente, é a mulher para

quem ele escreve que acaba se vendo na posição de ter terminado o relacionamento. Ele a está deixando enquanto amante, ela o está deixando enquanto amigo. Agora que a coisa foi dita, o autor segue com mais confiança, chegando a transformar sua decisão em um ato heroico que a destinatária deveria aplaudir: “Mas hoje, você pode avaliar a importância da minha decisão, uma vez que estou disposto a me curvar diante da sua vontade, pois deixar de ver você e de falar com você, de apreender o seu olhar sobre as coisas e os seres e a doçura com a qual você me trata são coisas das quais sentirei uma saudade infinita”. O autor está, então, se curvando diante de outra vontade, pois parece que a única vontade que existe aqui é a da destinatária. O escritor é regido por leis que estão além dele: o “ciclo” que o puxa, a vontade da Outra. E agora, ele diminui a importância da separação ao elevar sua capacidade de amar: ele continua a sentir por essa mulher o mesmo sentimento de antes. Sendo assim, a separação é apenas uma decisão que muda uma situação ou, mais precisamente, que restabelece a verdade. Para alguém que afirma nunca ter mentido, essa confissão é perturbadora. “Aconteça o que acontecer, saiba que nunca deixarei de amar você da maneira que sempre amei desde que nos conhecemos, e esse amor se estenderá em mim e, tenho certeza, jamais morrerá.” Então, esse amor não cabe nas leis da outra pessoa; ele permanece encerrado em si mesmo, sem considerar a existência de uma sensibilidade exterior, ou mesmo do objeto que lhe é relevante. O amor não consegue transformar esse autor, e essa carta é a prova disso. Trata-se de um estado passivo, como a preguiça o é, às vezes. Por outro lado, o autor é ciente dessa impotência e, nesse sentido, a separação é a evidência da sua sinceridade. O fracasso é o da luta interior, da qual a destinatária está basicamente excluída. “Aconteça o que acontecer” deixa aberta a possibilidade de uma transformação da situação, de uma mudança por parte da destinatária. No entanto, esse “aconteça o que acontecer” mostra claramente que nada pode mudar o estado do escritor, e ele resiste a qualquer mudança que possa vir de fora e está convencido da existência de uma fatalidade interior. Ante essa fatalidade, o que mais pode sentir a mulher para quem ele escreve, além de uma impotência semelhante àquela descrita pelo escritor?

A sentença que segue essa declaração é, no mínimo, surpreendente: acabamos de saber que o escritor sente um amor particular, “da maneira que sempre amei”, desde que eles se conheceram: então, qual a razão para essa mudança súbita, esse ponto de ruptura? “Mas hoje, seria a pior das farsas manter uma situação que você sabe tão bem quanto eu ter se tornado irremediável, mesmo com todo o amor que sentimos um pelo outro. E é justamente esse amor que me obriga a ser honesto com você mais uma vez, como última prova do que houve entre nós e que permanecerá único.” O relacionamento amoroso é reduzido a “manter uma situação”. A separação é vista como uma precisa quebra naquela situação que eles mantinham. Mas qual é essa situação? Um relacionamento entre duas pessoas? Uma semifarsa, caso ela fosse mantida? Uma farsa, no sentido de fraude, enganação. O fato de a situação ter se tornado irremediável é o grande mistério. O adjetivo serve apenas para se referir a um estado que não pode ser remediado. Uma situação é um conjunto de posições estáticas. Ora, vimos que o autor tinha dificuldade de definir seu estado interior e, mais precisamente, de definir seu lugar ou mesmo de tomar uma posição. Isso quer dizer que qualquer situação estaria fadada ao fracasso. Consequentemente, o termo não precisa ser ainda mais exato. Mais uma vez, temos a metáfora do remédio e da cura. Essa “situação” não pode ser curada. Era portanto, a situação que estava doente. A doença é transferida do estado em que o autor se encontra para a situação. Novamente, ele exclui seu “Eu”, o objeto (nunca o sujeito) de uma epidemia. Essa situação estava doente, mesmo com todo o amor que essas pessoas sentiam uma pela outra. Consequentemente, essa situação não refletia um sentimento. O amor que cada um sentia e seus estilos de vida eram conflitantes. Ora, o que é um amor que não pode ser vivido? Este aqui, aparentemente, era de tal qualidade que não aguentava qualquer dose de realidade. Mais uma vez,

vemos essa negação ou esse medo da realidade que está dentro do autor; sua decepção, talvez, com o fato de que essa realidade nunca poderia se equiparar com sua fantasia. E é esse amor que torna impossível a história que ele próprio fez nascer. Em nome desse amor, o autor decide que o relacionamento deve acabar. Em nome desse amor, ele deve franqueza a ela, franqueza de deixá-la, franqueza para anunciar o fim desse amor. Um belo *tour de force*. Essa franqueza surge como evidência de uma coragem que a destinatária não tem, já que o autor afirma que ela sabia “tão bem” quanto ele, o que a “situação” tinha se tornado: uma aporia. O autor se torna o inocente escriba de uma situação conhecida por ambos e que está além dele: ele observa. Novamente, ele é apenas o mensageiro de uma fatalidade da qual ele é vítima, e que, em solidariedade, também atinge a mulher que ele amou. Evocar “o nome de” algo é uma maneira eterna de se proteger. Evocar o nome do amor para destruir o amor é, sem dúvida, uma grande proeza. A separação torna-se uma forma de fidelidade. Mais do que isso, é uma prova do amor do qual é também, apesar de tudo, seu túmulo.

A conclusão resume a tese do autor: a vida dele é feita de acontecimentos; ele não a dirige. “Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente.” Ele afirma indiretamente que forças agem sobre ele, e que ele não é responsável pela separação. O desenrolar dos acontecimentos “produziu” duas vítimas. Essas “coisas”, essa “situação”, esses “aquilos” são o rosto de um destino verdadeiramente maligno.

A conclusão, que seria banal sob outras circunstâncias, carrega, se não uma cruel característica, no mínimo uma gélida ironia: “Cuide de você”. “Já que você não cuidou de mim?” “Já que não sou capaz de fazê-lo?” “Lide com essa informação?” O campo léxico continua admiravelmente consistente: cuidado é o único caminho nesse clima viral, no qual o amor se assemelha a uma doença incurável.

COMPOSITORA

C. Chassol

Carta de rompimento musicada.

Glossário:

a b c d e f g h i
j k l m n o p q r s t u v w x y z

CONSULTORA DE ETIQUETA E PROTOCOLO

Aliette Eicher, Condessa Von Toggenburg

Sophie,

O título é um tanto descuidado.

Há algum tempo venho querendo lhe escrever e responder ao seu último email.

Ele deveria ter respondido imediatamente.

Ao mesmo tempo, me pareceria melhor conversar com você e dizer o que tenho a dizer de viva voz.

Frase desajeitada: pesada e deselegante.

Mas pelo menos será por escrito. E daí?

Como você pôde ver, não tenho estado bem ultimamente. Coitadinho!

É como se não me reconhecesse na minha própria existência. Não nos interessa; ele não deveria falar de si.

Uma espécie de angústia terrível, contra a qual não posso fazer grande coisa, senão seguir adiante para tentar superá-la, como sempre fiz. Essas coisas deveriam ser guardadas para si. Ele não deveria exibir suas pequenas preocupações.

Quando nos conhecemos, você impôs uma condição: não ser a “quarta”. Que feio! A dama nunca deveria ter tido necessidade de impor condições. Ele próprio deveria ter feito essa oferta, e com a maior discrição.

Eu mantive o meu compromisso: há meses deixei de ver as “outras”, não achando obviamente um meio de vê-las, sem fazer de você uma delas. Que grosseria mencionar novamente esses relacionamentos, e é um insulto ele sugerir que a Senhora pudesse ser uma delas.

Achei que isso bastasse; achei que amar você e o seu amor seriam suficientes para que a angústia que me faz sempre querer buscar outros horizontes e me impede de ser tranquilo e, sem dúvida, de ser simplesmente feliz e “generoso”, se aquietasse com o seu contato e na certeza de que o amor que você tem por mim foi o mais benéfico para mim, o mais benéfico que jamais tive, você sabe disso. A frase é malconstruída, e ele está falando com a pessoa errada: o amor não deveria ser usado como remédio para o mal-estar dele e a Outra não está lá para curá-lo. Ao contrário, ele deveria estar cedendo, estar enaltecendo a Outra, elogiando-a e respeitando-a.

Achei que a escrita seria um remédio, que meu “desassossego” se dissolveria nela para encontrar você. Mas não. Estou pior ainda; não tenho condições sequer de lhe explicar o estado em que me encontro. Nunca use expressões excessivamente egocêntricas e pomposas acompanhadas de “mim”, “meu” e “eu”, como em “meu desassossego” e “o estado em que me encontro”.

Então, esta semana, comeci a procurar as “outras”. E sei bem o que isso significa para mim e em que tipo de ciclo estou entrando. Esses comentários são inúteis, ofensivos e humilhantes.

Jamais menti para você e não é agora que vou começar. Bom, mas ele poderia ter economizado essas enfáticas declarações de honestidade e todas essas justificativas que mal conseguem mascarar a tremenda falta de consideração que ele tem pela Outra.

Houve uma outra regra que você impôs no início de nossa história: no dia em que deixássemos de ser amantes, seria inconcebível para você me ver novamente. Certamente. Não se deve confundir amor e amizade. São duas áreas cujos conteúdos são bem diferentes.

Você sabe que essa imposição me parece desastrosa, injusta (já que você ainda vê B., R.,...). Pobre vítima! e compreensível (obviamente...); com isso, jamais poderia me tornar seu amigo. Mas hoje, você pode avaliar a importância da minha decisão, uma vez que estou disposto a me curvar diante da sua vontade (hipócrita), pois deixar de ver você e de falar com você, de apreender o seu olhar sobre as coisas e os seres e a doçura com a qual você me trata são coisas das quais sentirei uma saudade infinita. Que expressão mais estranha; mais uma vez ele faz de si próprio o centro de tudo. Aconteça o que acontecer, saiba que nunca deixarei de amar você da maneira que sempre amei (exatamente, teria sido melhor se essa “maneira” tivesse sido bem diferente), desde que nos conhecemos, e esse amor se estenderá em mim e, tenho certeza, jamais morrerá. Sublime! Mas hoje, seria a pior das farsas manter uma situação que você sabe tão bem quanto eu ter se tornado irremediável, mesmo com todo o amor que sentimos um pelo outro (comentário muito presunçoso. Além disso, esse tal amor que ele sente não é sinônimo de respeito nem de compromisso emocional, aparentemente).

E é justamente esse amor que me obriga a ser honesto com você mais uma vez (de novo, o termo soa supérfluo e tem um tom repressor) como última prova do que houve entre nós e que permanecerá único. Infelizmente, é impossível ficar contente com isso.

Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Sim, claro: culpe a sua mãe, o padre, o presidente, a Madonna, ter lido Don Juan, os tumultos na periferia e sei lá mais o quê. Cuide de você. Finalmente, ele está pensando em alguém além dele mesmo.

X

CONTADORA
Sylvie Roch

Ativo total – Nunca deixarei de amar você – 440 000

Passivo total – Jamais poderia me tornar seu amigo – 440 000

ANÁLISE DE UMA CARTA ANÔNIMA

Se for autêntica, esta carta foi escrita aparentemente por um **manipulador**, um **sedutor**, cujos relacionamentos com outras pessoas se baseiam na dominação e na ascendência. Essa ascendência é não agressiva, doce e sutil; é a ascendência de um homem de fala mansa que tem poder, mas é altamente efetiva, porque ele consegue se exonerar de qualquer ato que possa ser percebido como negativo para fazer seu interlocutor se sentir culpado e para se colocar na posição de vítima.

Ele queria escrever, responder, certamente está sendo sincero e tem a melhor das intenções, mas... ele não o fez e, além disso, como ele parece **incapaz de lidar com conflitos**, sua escrita é deliberadamente evasiva, afastando, assim, qualquer tipo de percepção ou julgamento que possa manchar sua imagem.

É certo que ele está terminando o relacionamento, mas é somente “por honestidade, pois ele fez uma promessa e manteve seu compromisso”. E se ele voltou a ver as outras, é porque “ele não tem estado muito bem”. **Sexualidade ansiolítica**. Ele está “doente, tomado pela inquietude” e somente as vozes das outras amantes podem abrandar esse mal-estar.

Ele pode olhar você nos olhos e **mentir**. Ele quer projetar a imagem de uma pessoa frágil, bondosa, que não sabe repelir, reconhecer ou conter seus impulsos, e é somente a angústia, pela qual ele não pode ser responsabilizado, obviamente, que o leva a escrever essa pequena obra de arte de baixeza, dominação e manipulação. Não é culpa dele, ele não fez de propósito... mas é certo que fará novamente.

Pois ele se apresenta como um homem infeliz... por causa da sua suposta fidelidade, cuja autenticidade deveria ser – parenteticamente – verificada imediatamente.

Então, por ter ligado para as outras, ele quebrou o compromisso e se viu obrigado a terminar o relacionamento, assim se livrando da mulher que presumivelmente lhe impôs algumas restrições. **E ele não gosta de restrições ou de ordens**.

De forma casual, ele dá uma alfinetada – “já que você ainda vê B. e R.” – assim colocando seu interlocutor no papel de criminoso.

E “é claro que ele sofrerá se não puder mais vê-la”, mas ele rapidamente se curva à decisão por ela tomada de pararem de se ver, e ele a fez sentir-se um pouco mais culpada ao dizer que “sentirá saudade dela”. Não há dúvidas de que a mulher para quem ele escreve o lisonjeava, mas ele não dá a mínima para o seu sofrimento, para a frustração produzida pela dor que ele causa. Eu estou destruindo você, estou partindo o seu coração, estou devastando você, mas, o que quer que aconteça, cuide de você!

Por fim, um pequeno refrão romântico: “Eu amo você, nunca deixarei de amar você, etc., etc.” Como se fosse ela que o tivesse deixado. Os papéis estão invertidos.

Ele é um homem **inteligente, culto, de bom nível sociocultural, elegante, charmoso e sedutor** que tem uma inteligência refinada, sutil e um tanto abstrata. Ele é **orgulhoso, narcisista e egoísta** (usa o verbo na primeira pessoa do singular um sem-número de vezes). É possível que tenha estudado literatura. Provavelmente prefira jazz a rock. Eu o imagino usando um suéter de gola alta em vez de terno e gravata.

Ele deve ter uma cozinha pequena, onde prepara refeições simples e deliciosas.

Ele deve ser charmoso, mas sua beleza não é o que se chamaria de clássica.

Ele é um legítimo manipulador, perverso, psicologicamente perigoso e/ou um grande escritor.

Deve ser evitado a todo custo.

Quanto mais eu leio a carta de X., mais ela me comove.

Eu gostaria que cada visitante se sentisse do mesmo jeito.

A melhor maneira de conseguir isso seria fazer uma pilha de fac-símiles que eles pudessem levar e ler a sós.

A carta será exposta e distribuída no espaço público.

DELEGADA DE POLÍCIA
F. G.

Delegada de Polícia
para
Senhora Sophie Calle

Re: carta de rompimento do Senhor X.

anexo: um dossiê

Abaixo estão minhas observações sobre a carta de despedida enviada pelo seu ex-amante.

Por meio da leitura desse texto, pode-se perceber que o mal-estar do autor é característico de uma atitude muito difundida entre os homens franceses:

– recusa ao compromisso e vadiagem sexual, favorecidos por dois fatores permanentes e quantificáveis.

Há mais mulheres do que homens, e isso começa aos vinte anos de idade.

Em Paris, 46% da população é do sexo masculino, logo, 54% é do sexo feminino (estatística oficial).

– Ao chegar aos quarenta anos de idade, uma mulher que quer casar tem a mesma probabilidade de encontrar um marido quanto de sofrer um acidente de carro!

– À taxa de mortalidade masculina mais elevada, que afeta qualquer idade, deve-se acrescentar o fator homossexualidade, que tira ainda mais homens do mercado amoroso.

Portanto, os homens estão em uma posição mais favorável do que as mulheres, pois todos sabem que o que é raro é precioso. A insatisfação congênita de que o autor da carta sofre é naturalmente alimentada pela profusão de mulheres ao seu redor.

Acredito que essa carta também levante questões importantes sobre a natureza das relações amorosas, mas se uma infração foi cometida, ela não é criminosa.

Entendo a reclamação da senhora CALLE, mas não é admissível em termos penais, pois não parece haver qualquer dano financeiro e, com relação ao prejuízo moral, ele é inerente a todas as relações amorosas, afinal, não nos apaixonamos por nossa própria conta e risco?

A primeira coisa que me chamou atenção na carta de X. foi ele ter optado por expressar sua decisão unilateral por escrito, como se estivesse preocupado que uma discussão ou confronto com a protagonista pudesse minar sua determinação de terminar o relacionamento que parece ser importante para ele, mas com o qual ele não consegue mais lidar.

Como em qualquer negociação conduzida segundo um acordo, os termos de referência são bastante claros: ser a única amante e, no caso de rompimento, deixar de se ver. Dada a violação das resoluções previamente estabelecidas e pelo fato de, devido a um tipo de angústia existencial, X. ter começado a ligar para as outras e a vê-las novamente, terminar parece ser a decisão óbvia a ser tomada.

É de se estranhar que X. pareça sinceramente apegado à protagonista e perturbado com a sua decisão, porém, incapaz de renegociar novos termos de referência ou, podemos dizer, novas condições para o contrato amoroso.

Irremediável é o termo que melhor representa a situação na qual X. se encontra, e que justifica sua decisão.

ESCRITORA

Christine Angot

Então, alguns meses depois, reli a carta de X. Foram meses nos quais eu mudei. Durante os quais compreendi muitas coisas. E tudo o que eu havia escrito me soou absurdo.

Burro, cego e até perigoso, estava totalmente desprovida de lucidez. Eu sequer tinha lido corretamente a palavra “angústia” na carta de X., e na frase “Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente”, ele estava tentando recuperar sua virilidade, e eu não tinha percebido isso na minha primeira leitura. Se Sophie o tivesse amado tanto quanto diz, ela não teria convocado um esquadrão de mulheres para ajudá-la a superar. Ela teria tentado superar isso, é o que se deve fazer, mas não assim, cercada por mulheres.

Um grande esquadrão de mulheres, é isso o que somos, com nossos textos patéticos ou nossas interpretações, nossas performances, sentindo pena de nós mesmas ante o homem; o melhor é ir atrás dele e fazê-lo sentir-se insignificante.

Eu deveria ter dito isso a Sophie, e estou dizendo agora: cuidado com todas essas mulheres reunidas. Evite-as. A maioria delas quer transformar os homens em mulheres, elas dedicam suas vidas a isso, o fato de serem mulheres as enlouquece, elas não podem aceitar. Elas não vão ajudá-la a se tornar uma mulher, uma mulher de verdade, ou seja, alguém que não tem nada, não tem mais palavras, não tem mais nada, nada de poder, poder sobre coisa alguma, uma mulher de verdade: boa e impotente. Elas não vão ajudar você, isso as deixa com raiva, o vazio, a falta. Elas não vão ajudá-la e continuarão dizendo “proteja-se”, quando não há nada do que se proteger.

Você não tem nada. Você tem um vazio, você tem uma ausência, é só isso. Você é uma artista e isso não lhe dá poder, mas graça, sim, toda vez que vejo o seu trabalho, eu fico, não sei como dizer isso... fico emocionada e cheia de admiração. Mas mulheres reunidas, tudo o que elas querem é que os homens desapareçam, que virem fantasmas distantes. Ou que sejam escravizados, estejam à disposição, sejam sempre acessíveis e vivam de acordo com os seus discursos, que eles supostamente entendem perfeitamente. Elas não querem “largar mão”, elas pensam que elas são como crianças, elas adoram falar sobre a “fragilidade do homem” – tão tocante, elas dizem – ou sobre eles “fugindo”. O coro que você reuniu em torno dessa carta é o coro da morte.

ESCRITORA DE CARTAS
Rafaèle Decarpigny

...

Há muito tempo você foge de tudo, em direção à sua própria destruição e, para mim, sua carta é a confirmação. Mas suponho que você saiba disso... Não há nada que eu ou qualquer “outra” possa fazer.

Eu poderia expressar incompreensão, tristeza, raiva. Eu poderia lhe dizer que apenas o fato de responder a essa mensagem seria demonstrar interesse demais. Eu poderia lhe dizer que teria preferido uma “boa conversa aberta” (?) a essa prolixidade na qual você mergulha, como que para esconder sua evasão e as “razões” para ela.

... E... bem.

Não, eu nem cogito ver você. E você entenderá que eu queira manter a maior distância possível entre nós. Não haveria sentido em iniciar algo que seria apenas uma prolongação de nossas despedidas.

ESCRITORA DE LIVROS INFANTOJUVENIS

Marie Desplechin

A Pena do Diabo

Sentindo que suas últimas horas estão prestes a chegar, um pobre viúvo pede que chamem seu único filho ao seu leito. “Meu filho”, disse ele, “a única herança que tenho para dar para você é essa varinha mágica que me foi deixada por sua mãe. Cuide bem dela, pois ela lhe concederá três desejos. Mas também tome cuidado, pois o Diabo a enfeitiçou”. Ao pronunciar essas últimas palavras, ele se foi, e seu filho ficou profundamente triste.

Chorando copiosamente, o jovem cortou dois troncos de carvalho e fez uma cruz. Depois, laboriosamente, cavou no chão duro um buraco grande o suficiente para enterrar seu pai, fincou a cruz no solo árido e rezou para Deus receber a alma de seu pai no Paraíso. Ao final do ritual, ele inspecionou sua terra. O solo era fino e havia pedras por todos os lados. Sob o sol escaldante, a grama crescia tão rala e amarela que não serviria para alimentar uma cabra sequer. O jovem colocou seus poucos pertences em uma sacola, pegou a varinha mágica e partiu, deixando a cabana para trás. Ele pegou a estrada, pois qualquer coisa que lhe aguardasse ao final da jornada não poderia ser pior do que o destino que lhe estava reservado, caso ele ficasse. Pelo menos era isso o que ele pensava, pois era jovem e acreditava que havia um futuro melhor à sua espera.

Após andar três dias e três noites por uma paisagem árida, encontrando apenas gafanhotos e corvos pelo caminho, ele estava tão faminto que foi acometido por uma grande fraqueza. Sentado à sombra de um arbusto cheio de espinhos, ele se preparava para a morte quando seus olhos pousaram sobre a varinha mágica. “Que me importa se você foi enfeitiçada pelo Diabo?”, ele disse a ela. “Um homem que se prepara para a morte não pode esperar mais nada do Paraíso. Que utilidade você terá depois que eu for apenas uma carcaça seca debaixo de um junípero?” Quando ele terminou de falar, a varinha começou a tremer. “Dê-me algo para comer”, ordenou o jovem, “e sacie a minha fome até eu chegar ao meu destino”.

Imediatamente, os arbustos ao seu redor começaram a reviver e ficaram cobertos de doces e suculentas frutas que ele nunca tinha visto. Um córrego nasceu no caminho, preenchendo o ar com seu suave murmúrio, e o jovem precisava apenas se abaixar para beber da sua água, cristalina e perfumada. Ao saciar sua sede, ele se levantou e viu uma garota andando em sua direção. Ela carregava uma cesta cheia de aves assadas e um tipo de picadinho que lhe foi oferecido sem que ele precisasse pedir. Depois de satisfeito, nada desapareceu: nem o córrego, nem as árvores, nem a garota; ao contrário, eles reapareciam durante o percurso. “Se o Diabo é tão generoso me dando comida”, pensou o jovem, “então o Diabo é meu amigo”. E todo o medo que ele antes sentia desapareceu.

Mais três dias e três noites se passaram e o jovem continuava a caminhar. A estrada era sinuosa e levava de um pomar de pêssegos a um pomar de cerejas, mas, em meio a tudo isso, ele não encontrou qualquer vilarejo ou aldeia ou pessoa, a não ser a garota da cesta que não falava uma palavra. Ele tinha a sensação de que a estrada se repetia, pois apareciam sempre as mesmas coisas, como se ele desse infinitas voltas na praça de um vilarejo. Ele foi tomado de um grande cansaço e sentou-se. “Para que continuar”, ele disse, “se eu apenas me canso nessa estrada que não dá em lugar algum?”

Ele estava quase se entregando ao desânimo, quando olhou para sua varinha mágica. “Ah, coisinha do Diabo”, ele disse, “tire-me deste círculo vicioso e leve-me para um lugar charmoso e agradável, onde eu possa conhecer pessoas de quem eu goste!” Ele pensou ter visto a varinha se curvar, como se concordasse e, quando fitou novamente a estrada, ficou encantado em ver que ela era agora uma reta. A menos de cem metros estavam as primeiras casas de uma cidade cujas torres e campanários emergiam no horizonte, e de longe ele ouvia um alegre som de sinos, órgãos e fanfarras. “Se o Diabo é tão generoso a ponto de me dar companhia”, pensou o jovem, “então, o Diabo é meu amigo”. E nasceu nele um sentimento de gratidão pelo Diabo.

Apesar das roupas empoeiradas, o jovem rapaz estava bem alimentado e cheio de esperança, então, ele parecia disposto e saudável ao chegar à cidade. As pessoas da cidade, todos muito bonitos e vestidos de acordo com sua óbvia riqueza, o receberam da forma mais calorosa que existe. Todos queriam saber quem ele era e bastava ele começar a falar para que as pessoas corressem em sua direção para aplaudi-lo. Ele mal tinha passado pelo portão da cidade e todos já queriam lhe dar as boas-vindas, lhe oferecer acomodação, convidá-lo para refeições. Ele ficou amigo de todos, especialmente das garotas que pululavam ao seu redor. Ele escolheu três delas para serem suas namoradas e elas nunca mais o abandonaram, encantadas com o fato de serem as favoritas. O jovem rapaz pensou ter chegado ao apogeu. Ele trancou a varinha mágica em um armário, a varinha que tinha sido responsável pela sua felicidade. “O que mais eu poderia pedir a você?”, ele disse. “Você me deu tudo o que eu poderia desejar.”

Naquele momento, um profundo silêncio se abateu sobre a cidade e todos os olhares se desviaram dele. Em todo lugar, os transeuntes abriam caminho. Nas ruas, estava formada uma imensa multidão e todos os olhares estavam fixos no castelo. O jovem rapaz se perguntava que tipo de evento explicaria esse fervor, quando viu uma procissão de homens de túnica precedida de centenas de tocadores de tambor e rodeada por um batalhão de mulheres armadas. No centro da procissão, sentada em um brilhante palanquim apoiado no ombro de oito homens enormes, estava uma mulher cujo cabelo negro era circundado por uma coroa de ouro. Conforme avançava, a Rainha sorria e acenava para seus súditos. Convencido de ser o mais encantador de todos os homens, o jovem rapaz esperou que ela parasse para cumprimentá-lo, mas o comboio passou e a Rainha sequer desviou o olhar. Foi como se ele não existisse. Ao expressar sua surpresa a uma das suas três amigas, ela logo o tranquilizou: “A Rainha sai todos os dias. Se ela não o viu hoje, tenha certeza de que amanhã o verá”.

Mas nem no dia seguinte ou no outro, nem nos dias que se seguiram, o olhar real dignou-se pousar sobre o infeliz rapaz. A procissão passava e a Rainha o ignorava, e ele ficou tão irritado que perdeu o apetite e não conseguia mais dormir.

“Para que viver, se a Rainha sequer sabe que eu existo? Eu deveria ter ficado nas terras de meu pai, onde não havia ninguém para me desprezar.”

Então, ele correu para a casa onde morava, tirou a varinha mágica do armário e bateu violentamente com ela no chão por três vezes.

“Em nome do Diabo”, ele gritou. “Eu quero que a Rainha me ame! Este é o meu último desejo, independentemente do preço que eu tenha que pagar!”

O Diabo, que cochilava nas profundezas da Terra, dentro de uma fenda cheia de pus, poeira e sangue, abriu um dos olhos e levantou-se alegremente. Há muito tempo ele não tinha muito que fazer na Terra, já que

tanto Deus quanto o homem invadiram um pouco o seu território, fazendo o mal tão bem quanto ele. Ultimamente, lhe restava apenas esperar pela oportunidade de fazer um ou dois feitiços, e isso ele podia fazer dormindo: nada mais natural para o Diabo do que criar uma galinha para alimentar os famintos ou alterar estradas para fazer as pessoas se perderem. Em outras palavras, ele estava feliz por ter sido chamado. Ficar desempregado é tão chato para o Diabo quanto para qualquer um.

Os golpes com a varinha tinham aberto um buraco profundo até a crosta da Terra e o Diabo entrou nele para subir em direção à luz. Seu rosto surgiu na superfície e ele sorriu para o rapaz.

“Olá”, ele disse rapidamente, “eu sou o Diabo. Fui muito bem treinado, tenho ótimas referências e posso começar imediatamente. E posso ajudar você mais do que você imagina”.

O rapaz deveria ter desconfiado, pois o Diabo nunca dá alguma coisa sem pedir outra em troca e, em geral, o preço a ser pago é a vida do pobre coitado que recorreu a ele.

“Eu irei com você”, sugeriu o Diabo. Afinal de contas, ele não tinha nada melhor para fazer e estava contente com a ideia de poder se divertir um pouco. “Eu a farei amar você.”

Feliz da vida, o jovem rapaz beijou o crânio peludo que saía do chão.

“Mas”, ele acrescentou perfidamente, “se o seu amor vier a acabar, eu nada poderei fazer por você”.

“Ele nunca acabará”, protestou o jovem rapaz, “porque eu sou uma daquelas pessoas cujo amor é eterno”.

“Como desejar, meu rapaz”, concordou o Diabo. E rapidamente, ele emergiu do chão na forma de um ganso com penas de cor cinza e negra, além de um bico pontudo e afiado.

Daquele momento em diante, o ganso nunca mais saiu de perto do jovem rapaz e os dois eram vistos juntos o tempo todo pela cidade, juntamente com as três garotas apaixonadas.

O jovem alimentava o ganso com as melhores comidas, lhe deu uma poltrona macia para dormir e perfumava suas penas, que às vezes exalavam um odor de putrefação do subsolo. O Diabo nunca tinha sido tão paparicado e não fez questão de agir com pressa. Até que um dia, o jovem rapaz, cansado de ver que a Rainha não se dignava olhar para ele, pegou o ganso pelo pescoço.

“Faça com que ela goste de mim ou eu baterei em você com a varinha até suas penas saírem voando em todas as direções!”

“Largue-me”, gemeu o ganso, “e eu resolverei tudo para você”. Com o bico, ele puxou três penas das suas asas.

“Com a primeira, você desenhará um retrato seu que será enviado para a Rainha. Com a segunda, você desenhará o retrato dela, a ser enviado para ela no dia seguinte. Com a terceira e última, você desenhará o retrato de vocês dois juntos e enviará no outro dia. E na manhã do quarto dia, ela amará você. E digo isso com a mesma certeza que tenho de que sou o Diabo.”

O jovem rapaz partiu para o trabalho. Ele se colocou na frente do espelho, parou, molhou a primeira pena na tinta e desenhou suas próprias feições em uma folha de papel branco da melhor qualidade. Apesar de não ter qualquer experiência, sua mão deslizou no papel, desenhando um retrato perfeitamente parecido com ele. O ganso o observava com um ar maldoso, balançando levemente sua pequena cabeça; e, a cada movimento, o desenho tomava forma e parecia ganhar vida. Ao terminar, o jovem rapaz o contemplou com orgulho.

“Quem imaginaria que eu fosse tão talentoso?”, ele perguntou ao ganso. E, naquela mesma noite, ele confiou o retrato à primeira de suas amigas para ser levado à Rainha.

No dia seguinte, ele colocou em seu cavalete um pequeno retrato da Rainha. Era uma gravura feita por algum artista da cidade e que podia ser comprada na rua a preço de banana. Ele pegou a segunda pena

do ganso e com a mesma facilidade do dia anterior, em poucas horas, desenhou um retrato tão bonito que parecia vivo.

“Meus retratos têm mais vida do que a própria vida”, ele exclamou com entusiasmo.

A segunda amiga concordou em levá-lo ao palácio.

No terceiro dia, com a terceira pena, em poucos minutos ele desenhou o retrato duplo no qual estava o seu rosto, juntamente com o da Rainha. Eles eram tão bonitos, e seus olhos eram tão cheios de lealdade que, ao vê-los juntos, era impossível imaginá-los separados.

“Rápido, leve para a Rainha o retrato que eu fiz”, ele disse, entregando-o a sua terceira amiga. “Desta vez ela não tem outra escolha, a não ser me amar, pois sou um artista incomparável.” Ele continuou a falar sem parar sobre seu dom para pintura, mas, na verdade, tudo era trabalho do Diabo.

No quarto dia, o cortejo real parou ao se aproximar do jovem rapaz. Inclinando-se para frente, a Rainha o convidou para se juntar a ela no palanquim. Ele subiu e sentou-se bem perto dela, sem dar a menor atenção para as suas amigas ou para o ganso, abandonando-os como se fossem trapos velhos caídos de sua mala. O ganso e as amigas o observaram desaparecer ao longe. As garotas choraram, mas o ganso abria e fechava o bico avidamente, seus olhos brilhavam como diamantes e suas penas se arrepiavam.

Assim como todos os seus súditos, a Rainha era bela e carregava os atributos da sua riqueza com grande elegância. Ela governava seu reino com sabedoria, administrando favores e punições devidamente. Mas, às vezes, ela sofria com o tédio, pois seus dias eram todos iguais: sempre a mesma história de governar sabiamente, administrando os favores e as punições e saindo em procissão para ver seus súditos. A chegada dos três retratos, a surpresa que lhe causaram e a admiração que ela sentiu fizeram com que ela se apaixonasse pelo jovem rapaz. Ela o cobriu de bondade e lhe ofereceu todos os prazeres da corte. O jovem ficou mimado com seu amor, orgulhoso de ser o amante de uma rainha tão bonita; mas ele estava com ela há apenas três dias, quando começou a temer que seu embuste fosse revelado e que sua felicidade lhe fosse arrancada.

Sem a ajuda do ganso, ele não poderia atender aos pedidos de sua amante por mais retratos. E por se sentir fraco e desprotegido, ele começou a desejar que a Rainha ficasse mais fraca e desprotegida ainda, para mantê-la sob seu poder.

Com o intuito de deixá-la mais dependente, ele pediu a ela que cortasse um de seus braços para lhe dar de presente.

“Então, eu terei a mais completa prova do seu amor”, ele disse, abraçando-a.

A Rainha, que o amava de perdição, cortou seu braço direito e o mandou para ele em uma cesta de cedro. O jovem rapaz se deu por completamente satisfeito, mas sua paz não duraria muito tempo. Foi em vão vê-la de vestido real, com uma manga solta flutuando ao seu lado: ele ainda temia que ela o abandonasse. Então, pediu a ela que arrancasse um olho e desse de presente a ele.

“Então terei finalmente certeza de que você me ama mais do que qualquer coisa”, ele disse a ela.

A Rainha chamou seu cabeleireiro para arrancar seu olho direito e, depois, mandou colocá-lo em uma caixa de jacarandá a ser posta no travesseiro do jovem rapaz. Mais uma vez, ele sentiu apenas um breve sentimento de gratificação: foi em vão olhar para o rosto dela e ver a cavidade do olho vazia, pois o medo de ser desmascarado lhe tirava toda a paz de espírito.

Ele foi ter com a Rainha e pediu a ela que abrisse mão da liberdade: “Dessa forma, você será completamente minha e eu serei feliz”.

Com seu olho esquerdo, a Rainha procurou sua liberdade. Com seu braço esquerdo, ela a agarrou e a estrangulou. Ela colocou o pequeno cadáver em uma caixa de eucalipto e levou para seu amante. “De agora em diante, sou completamente sua”, ela disse, “e não tenho outra vida, além daquela que pertence a você”.

O jovem rapaz foi dormir feliz. Ele beijou ardentemente sua esposa, que estava deitada ao seu lado, sem um dos olhos e sem um dos braços. Mas, enquanto os dois amantes dormiam profundamente, um vento forte vindo das profundezas da Terra abriu a janela do quarto para fazer entrar o grande ganso negro. Após remexer no seu peito com o bico, o ganso puxou um punhado de penugem cinza e esfregou nos olhos do jovem rapaz durante um longo tempo. Sua tarefa estava, então, completa, e ele saiu voando da mesma forma que entrou. A noite voltou a ser calma, e a janela dos aposentos reais fechou sozinha.

De manhã, o jovem rapaz abriu seus olhos e olhou com surpresa para a mulher deitada ao seu lado.

“Você tem apenas um braço. O que você fez com seu braço direito?”, ele perguntou a ela.

“Meu querido, eu o cortei para merecer o seu amor”, respondeu a Rainha.

“E você tem apenas um olho. O que você fez com seu olho direito?”

“Meu querido, eu o arranquei para merecer o seu amor.”

“Você parece um animal abjeto. O que você fez com sua liberdade?”

“Meu querido, eu a estrangulei para merecer o seu amor”, disse a pobre Rainha, com lágrimas saindo do único olho que ela tinha.

O jovem rapaz tentou se lembrar em vão: ele só conseguia se lembrar das suas três amigas, cujo olhar não era nobre, mas tinha seis olhos. Ele tentou se lembrar novamente, mas via apenas as silhuetas das suas três amigas, que não se comparavam à figura real, mas ainda tinham seis braços. Tentou se lembrar ainda outra vez, e começou a ficar com saudade das suas três amigas. Ele não as via há muito tempo e estava curioso para saber o que elas tinham feito com suas liberdades.

Ao esfregar a penugem nos olhos do rapaz, o ganso apagou qualquer sinal do amor dele pela Rainha.

“O que essa mulher quer de mim com todas essas histórias?”, ele se perguntou apreensivamente.

“Eu nunca pedi nada tão absurdo assim.”

E, enquanto a Rainha chorava em silêncio, sem olhar para ele, ele saiu da cama e foi embora.

Fora do palácio, o ganso estava esperando de prontidão na rua pavimentada. O jovem rapaz correu em sua direção.

“Estou com um grande problema”, ele disse. “O amor que a Rainha tem por mim é um fardo. Em nome da nossa antiga amizade, e mesmo que eu não possa mais fazer pedidos para a varinha, eu imploro que me liberte dela!”

O ganso se moveu, depois virou a cabeça em direção ao seu rabo magnífico e suntuosamente emplumado e escolheu a pena mais longa e lustrosa. Ele a pinçou com seu bico e a puxou até tirá-la da pele. Ele a estendeu para o jovem rapaz.

“O mais importante de tudo: não olhe para trás”, ele lhe disse. “Pegue esta pena e escreva uma carta que eu entregarei pessoalmente. Dessa forma, você se livrará da Rainha, e tudo será do jeito que você quer.”

De volta à casa onde morava, o jovem rapaz sentou-se à mesa para escrever. Uma folha de papel apareceu como que por milagre em sua frente e, mais uma vez, sua mão parecia flutuar enquanto ele escrevia.

Mas pelo menos será por escrito, dizia a carta. Como você pôde ver, não tenho estado bem ultimamente. Jamais menti para você e não é agora que vou começar. Mas hoje, seria a pior das farsas manter uma situação que você sabe tão bem quanto eu ter se tornado irremediável. Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Cuide de você.

Enquanto o jovem escrevia, o ganso, que estava debaixo da mesa, não parava quieto.

“Eu não sabia que tinha tanto talento para a escrita”, suspirou o jovem rapaz ao reler e lacrar sua carta.

Ele estava muito orgulhoso, mas isso tinha sido trabalho do Diabo.

“Não tente encontrar a Rainha”, ele aconselhou o ganso ao lhe estender a carta, “pois eu temo que ela tente se vingar e tente empalhá-lo. Deixe a carta em um lugar onde ela possa achá-la e volte para me encontrar, pois agora eu preciso de você mais do que nunca”. O ganso pegou a carta no bico e voou em direção ao palácio.

A Rainha ainda estava em seus aposentos, deitada na cama, sentindo-se terrivelmente triste. Ao ver sua janela se abrir e um ganso negro e grande entrar, ela logo imaginou que o destino do seu amor estava selado. “Você é um mensageiro do mau agouro”, ela disse, virando seu belo rosto na direção dele. “E eu sei a notícia que você traz.”

“Ah, não”, respondeu grosseiramente o pássaro. “Você não sabe de absolutamente nada. Espere para ler esta carta antes de dizer o quão infeliz você está.”

“Por que você é tão malvado?”, perguntou a Rainha em um tom amável e curioso.

“Eu não sou malvado”, disse o ganso. “Eu sou o Diabo.”

Ele a deixou ver o conteúdo da carta. Ao ler, em vez de chorar ainda mais, a Rainha ficou vermelha de raiva.

“Maldito!”, ela exclamou. “Eu dei meu braço, meu olho e minha liberdade a um escritor de cartas covarde.”

Ela agarrou o ganso pelas pernas e o segurou de cabeça para baixo.

“Você não é o Diabo”, ela gritou. “Você não passa de uma ave doméstica vulgar e eu vou empalhá-lo.”

O Diabo não estava com medo de ser empalhado, mas com muita raiva por ser caluniado daquela maneira.

“Eu sou mesmo o Diabo”, ele protestou, “e eu vou provar a você. Vá e pegue para mim as três caixas que você estupidamente deu ao seu amante, e eu lhe devolverei tudo!”

A Rainha fez o que lhe foi pedido e o Diabo lhe devolveu seu braço, seu olho e sua liberdade.

“E agora”, disse a Rainha, “devolva-me ele, porque eu quero ter uma retribuição à altura”.

“Boa senhora”, disse o Diabo, “a senhora pode resolver sozinha essa questão. Estou cansado de tudo isso e vou para casa”.

Rapidamente, o ganso assumiu a forma do Diabo, que parece um homem de pernas arqueadas e patas de cavalo. Um abismo abriu na sua frente e, sem hesitar por um segundo sequer, o Diabo mergulhou para dentro dele. Ele mal tinha desaparecido quando o abismo fechou novamente. Foi como se o Diabo nunca tivesse sequer pisado na Terra.

O jovem rapaz esperou o retorno do ganso. Ele estava ansioso para saber como a Rainha tinha reagido à carta e esperava sinceramente ter-se livrado dela para sempre. Ao ouvir um barulho na sua porta, ele correu para abri-la, mas, em vez do Diabo, lá estava a Rainha, rodeada pelas mulheres armadas de seu batalhão. “Traidor!”, ela explodiu. “Mentiroso covarde!”

As mulheres pegaram o pobre rapaz e o arrastaram, sem dar atenção às suas lágrimas e súplicas, para ser empalhado na cozinha real. Durante suas procissões diárias, o prazer da Rainha era exibi-lo entre seus tocadores de tambor, com o objetivo de causar espanto em seu povo e assegurar que no futuro ninguém provocasse a ira real com cartas insensatas.

ESCRITORAS DE LIVROS ROMÂNTICOS

Anne e Marine Rambach

Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente.

Cuide de você.

A assinatura era ilegível.

Segundo a polícia e as pessoas próximas a ela, a carta solucionava o mistério. Um doloroso rompimento provocara nessa jovem mulher um momento de dor tão intenso que ela preferiu morrer. Tragédias como essa são mais comuns do que se imagina. Mas Sophie ficou atormentada pela carta. No fundo, ela sentia ter sido ela própria, mais do que a carta, a causa do ato louco de Bárbara. Por inúmeras vezes ela lera a carta, e a folha de papel, cuidadosamente dobrada, agora jazia dentro da gaveta do criado-mudo ao lado da sua cama. Ela avaliara cada palavra, cada vírgula, até aparecer um sinal de explicação, e sentiu ter entendido parte do enigma.

Para Sophie, o que tanto afligira Bárbara fora o fato de ela não existir, ou mal existir, nessa carta – que, contudo, interferiu de forma devastadora em seu destino. O autor da carta indicava que tinha havido um relacionamento que durara certo tempo, mas aquele relacionamento não era nada além de um vago horizonte perdido na neblina – a neblina que, com muita frequência, cobria a baía; o relacionamento era apenas “periférico”, quase impossível de ser visto, como as negligenciadas periferias de algumas das nossas cidades. Nessas frases ela existia não como uma amante, mas como um pontinho no horizonte. Sophie reviveu em sua mente a cena que ela não tinha testemunhado: Bárbara sobe no parapeito e se lança em direção ao nada. Carros freiam bruscamente, motoristas ligam dos seus celulares para o serviço de emergência. Mas o corpo de Bárbara colide contra a superfície da água e, em seguida, começa a afundar. Poucos segundos depois, desaparece; só o que resta é a espuma causada pelo redemoinho. Mas, antes disso acontecer, Sophie – não, Bárbara – tinha sido aniquilada pelas palavras: engolida por elas, reduzida a um pontinho branco, enquanto a superfície das “coisas”, como Ele próprio colocou, imediatamente retomava sua forma original.

A maioria das cartas de rompimento cobre você de repreensões, mas pelo menos na sua sucessão de “eus” e “você”, elas mantêm um vestígio do vínculo rompido. No caso dessa carta, ela reduzia sua destinatária ao papel de confidente em um destino do qual ela não fazia parte.

Como esse homem é obcecado por si mesmo! Tão preocupado com sua “própria existência”, avaliando amor em termos do que era “mais benéfico para ele”. Olhe para ele, mandando seus desejos às favas e rumando para alguma espécie de infortúnio cósmico! “Mas pelo menos será por escrito.” Mas, foi escrito? Tão irresistivelmente escrito que ele não conseguiu dizer “eu” ao assinar? Não, ele carregava uma maldição e só o que lhe restava era submeter-se a ela. Ele foi forçado, não pôde fazer nada. Ele passivamente enfrentou seus demônios. Passivamente, ele terminou. E quando se presta mais atenção, ele nem terminou com ela, isso teria sido demais! Ele terminou com uma imagem que tinha de si mesmo, do sossego que o amor lhe traz. Não é à toa que para ele tudo se mova em círculo, mesmo que seja um círculo atroz: o “ciclo”, e as coisas que dão voltas e “tomam rumo”. Com ele no centro de tudo.

E, afirmando sua impotência, ele a impôs à sua amante. Pois essa impotência não o impediu de terminar tudo, de recomeçar, de ligar (para as “outras”) e de escrever (para ela). Nem mesmo o impediu de advogar sua causa, de tentar enfraquecer a “vontade” de Bárbara – ela era a única que tinha vontades – de não o ver mais. Agindo dessa forma, ele tentava arrancar dela os últimos vestígios de seu poder e independência. Pois ele não deixou de lembrar essa mulher do seu lugar: dependia dele, e somente dele, “tornar” ou “não tornar” Bárbara “uma delas”. Como se ela própria, unicamente ela, fosse nada.

ESCRITORA DE PALAVRAS CRUZADAS

Catherine Carone

HORIZONTAIS

1. Neologismo desesperado do amante que se vê em meio aos tormentos do amor. Acordo no Kremlin.
2. Filé mignon. Assunto cotidiano, sofrimento para o autor da carta. Podemos imaginar o prazer que ele sente. Um solitário que ela gostaria de ter para si.
3. Último recurso do amante abandonado. Emoção provocada por uma repentina tempestade nas águas calmas do amor. Possessivo.
4. Artigo. Apago as chamadas do amor. Escolher entre as “Outras”.
5. Mudou de tom. O autor da carta se colocou atrás dele. Tão difícil de engolir quanto uma carta de rompimento.
6. Mostra elevação. Pai de Hedda Gabler. Variante de “Não me deixe!”
7. Abandonada às pressas por causa de outros prazeres. Ocupava o ocupado. Vá rápido!
8. Que está na moda. Ela o amava, ele a amava, mas era temporário. Terra natal de Abraão. Santo dos Pireneus.
9. Futuro próximo quando o choque do rompimento não passará de uma vaga memória. Ingênuo. Conjunção. Chegaram ao final.
10. Boa ação. Cortado na base. Preferível ao autor da carta às astutas artimanhas do jogo amoroso.
11. Por um fio. Pequeno circuito. Presente no sangue.
12. Suportar. Mulher de coral. Provençal, OK.
13. Seu lugar certo é entre o 5 e o 7. Lugar raso na costa. Ouvido em caravanas de nômades.
14. Passo crucial para o amante forçado a terminar. Item de bazar.
15. As posições do amor abominadas pelo orgulhoso escritor da epístola. Jovem em sua primeira viagem ao redor do mundo. Oleaginoso.
16. Fim do dia. Escala de música. Privada de um prazer. Eminências marinhas.
17. Se apossar do bem do outro. Entrar na arena. Iniciais papais.
18. A serem banidas para a exclusiva vantagem da ÚNICA. Como o efeito do grande amor antes do choque da separação.

VERTICAIS

- A. Nunca mais. Profundamente emocionada.
- B. Sem roupa íntima, pronta para o amor. O boi antes da carroça. Produtos do cotidiano. Desencadeou um contra-ataque.
- C. Promessa de jogos amorosos. Ato de autoridade. Forma de poder.
- D. Última palavra. Como o autor da carta antes de ser possuído pelo demônio da dispersão. Bom para servir ou não presta para mais nada.
- E. O que é cruel recusa essa alternativa possível depois do amor. Campo de sereias. Possessivo. Dar o dia.
- F. Peça montada no Japão. Possuía. Que te pertence (fem.). Contar lenhas. Esquadro.
- G. Um lugar que a inspiração da carta julga ser indigno dela. Restos no caixão. Pérolas cultivadas.
- H. Indispensável para colocar os votos. Bonito de se ver. Pele com sulcos.

- I. Para o apostador ou alcoólatra. Agradável ou muito desagradável na boca.
 J. Fica com a melhor parte. Começar um processo legal. Poema antigo. O indiano é muito apreciado.
 K. Em todo o seu esplendor. Agente da percepção. Sempre se apresentando em Paris.
 L. Pronome. Pergunta sobre lugar. Cai bem. No ar ou na água.
 M. Experimentar. Palavra de reconhecimento. Traz água para o engenheiro.
 N. Velocidade de cruzeiro. Duro como ferro. Debaixo de um colchão romeno.
 O. Senhora do jogo, falsa vítima de um rompimento pelo qual ela certamente esperava.
 P. Balanço desse rompimento: o duplo fracasso da amizade e do amor. Originário.
 Q. Completamente chatas. Apresentação. Pronome.

TRADUÇÃO DAS RESPOSTAS

HORIZONTAIS

1. Desassossego. Sigla: Desejos para o Futuro.
2. Restaurante. Amor. Piolho de cobra. Verme.
3. Recuar. Angústia. Sua.
4. O. Extingo. Triar.
5. Alterou. Muro. Amargo.
6. Ergue. Ibsen. Fique.
7. Largada. Serviço de Trabalho. Saia.
8. In. Amante. Ur dos Caldeus. Pé.
9. Depois. Inocente. E. Descobriram.
10. BA. Raso. Honestidade.
11. Ligada. Volta. Ureia.
12. Sofrer. Contralto. Sim.
13. Seis. Estuário. Romani.
14. Decisão. O.
15. Farsa. Debutante. Prímula.
16. UR. UT. Prejudicada. Ilhas.
17. Usurpar. Tourear. Sua Santidade.
18. Outras. Benéfico.

VERTICAIS

- A. Irremediável. Comovida.
- B. Nua. Bisão. Pães. Armou.
- C. Prazer. Decreto. Controle.
- D. Gemido. Generoso. Cozido.
- E. Amigo. Mar. Sua. Datar.
- F. Nô. Tinha. Tua. Medir em estere. T.
- G. Quarta. Ossos. Mergulhadas.
- H. Urna. Belo. Enrugada.
- I. Gin. Morango.
- J. Leão. Acionar. Lai. Verão.
- K. Radiante. Tato. Odeon.
- L. Eles. Onde. Orna. Re.
- M. Testar. Recibo. Barragem de acumulação.
- N. Velocidade econômica. Cromo. Leu.
- O. Sophie Calle.
- P. Desastroso. Oriundo.
- Q. Niveladas. Sessão. Se.

NT: Algumas soluções não foram traduzidas, pois se tratam de “cavilhas”: palavras falsas criadas apenas para completar o jogo, muito comuns em cruzadinhas de língua francesa.

ESPECIALISTA DA ONU EM DIREITOS DA MULHER
Françoise Gaspard

Aff...

Ambre, idade: 9 anos e meio

Eu a li e prestei bastante atenção nas palavras. Um homem está falando com uma mulher sobre os sentimentos dele.

Ele escreve para dizer que quer se separar dela. É bom, mas é complicado.

Tem umas palavras difíceis: irremediável e farsa. Eu acho que ele a ama.

Ele diz que a amará para sempre.

Se ele a ama, eu não se [*sic*] por que ele está deixando ela. Fala de divórcio.

Ele diz que está vendo suas outras amigas de novo.

Ele diz que gostava [*sic*] que as coisas [*sic*] tivessem tomando [*sic*] um rumo diferente. Isso quer dizer que as coisas não vão terminar bem. É triste.

ETNOMETODOLOGISTA

Barbara Olszewska

Ruptura sentimental, ruptura tecnológica?

___: (clic clic clic) no dia em que deixássemos de ser amantes,
_____ [clic clic clic clic clic] (perda de texto,
rápido deslizamento em aclave, atividade de pesquisa) seria
inconcebível para você me ver. Você sabe que essa imposição me parece
desastrosa e injusta (já que você ainda : vê_____ B___ e R____...) {e compreensível
(obviamente...)} (omissão);____(clic) com isso, jamais poderia me tornar seu amigo.
Mas hoje, você pode avaliar a importância da minha decisão (clic) uma vez
(clic) que estou disposto a me curvar diante da sua vontade,
pois deixar de ver e de falar com você, de apreender o seu olhar
sobre as coisas e os seres e a doçura com a qual você me trata__(clic)-- são coisas das quais sentirei uma
saudade infinita. _____[clic clic clic clic clic](nova perda)

Então, o fujão e autor da carta usa aspas em seu astucioso e-mail.
Dois pares, duas vezes.

1. Logo de saída, ele as usa para citar Sophie Calle e, quando prestamos mais atenção, para esfregar a própria bagunça na cara dela: A “QUARTA”, as “OUTRAS”, **FOI VOCÊ QUEM DISSE**. Foi você quem disse, foi você quem quis, quis que seguissemos essas regras, suas regras, *tes règles*. Desculpe, quero dizer, “*vos*” *règles*: perceba o tom respeitoso que complacientemente determina as regras que você impôs para a distância usual entre duas autonomias individuais, apimentadas por um toque de perversão devido ao fato de serem amantes, ufa! São as “suas” regras definindo o “nosso” relacionamento.

Há (para isso existe o *es gibt* que você impôs desde o início) **duas regras**.

1.1. A primeira é que Ela, ela (você, S.C.) não se torne parte da série. Exceção para Ela. Ainda assim **Ó TÃO COMUM**: sou eu e somente eu a/uma mulher, como de costume. **Não há ninguém além de mim, S.C.**

1.2. A segunda (“Havia outra regra” – Eu cito o fujão): nada de misturar amantes e amigos. É isso ou nada. **Não há nada além do tudo.**

Exceção para Nós: Se amantes, não podemos ser amigos. De qualquer forma, nesse caso, se amantes, jamais seremos amigos. E, sem dúvida, quando amantes, não seremos amigos. Então, mais uma vez, é *vous*, e não *tu*: mesmo que “nós” certamente façamos parte do mesmo mundo, nós devemos nos tratar por “*vous*”, pois nunca trocaremos figurinhas, nós não seremos amigos. A única coisa que dividimos é tudo e, se não for isso, nada.

2. Que seja, só deixo você porque lhe obedeco.

“Agora”: você sabe, você sabe disso, eu sei, você sabe tanto quanto eu. Essa imposição, a minha decisão, sua vontade que ainda me obriga, como uma última prova.

O desastre é seu. A irrefutável conclusão do silogismo do fujão.

3. É óbvio que tem que haver um meio-termo.

Esse meio-termo é peculiar ao fujão, mas como o fujão é um escritor escrevendo, essa peculiaridade é destacada com outro par de aspas, **ASPAS CULTURAIS**.

“Generoso.” “Desassossego.”

No caso de “GENEROSO” as aspas são um palimpsesto, pois anteriormente foi essa a palavra de amor que ela usou para descrevê-lo. Mas ele reutiliza a palavra, distanciando-a daquele contexto, de forma um tanto complacente, e a coloca dentro da sua esfera filosófica. Essas aspas são as mesmas encontradas em *As paixões da alma*, de Descartes: *Assim, creio que a verdadeira generosidade, que faz um homem estimar-se a si mesmo no mais alto grau em que pode legitimamente estimar-se, consiste somente, por uma parte, em que ele sabe que não há algo que*

realmente lhe pertença a não ser essa livre disposição das suas vontades, nem por que ele deva ser louvado ou censurado a não ser porque faz bom ou mau uso dela; e, por outra parte, em que ele sente em si mesmo uma firme e constante resolução de fazer bom uso dela, isto é, de nunca deixar de ter vontade para empreender e executar todas as coisas que julgar serem as melhores. Isso é seguir perfeitamente a virtude.

É uma pena que o seu amor não me dê autoestima. Mas, ai de mim, minha autoestima só pode partir de mim, da minha livre disposição e da minha firme resolução, da estabilidade da alma que me é vedada pelo “desassossego”.

Para “DESASSOSSEGO”, ver Pessoa. *Tudo me cansa, mesmo o que não me cansa. A minha alegria é tão dolorosa como a minha dor. Tenho do amor profundo e do uso proveitoso dele um conceito superficial e decorativo. E, hoje, pensando no que tem sido a minha vida, sinto-me um qualquer bicho vivo, transportado num cesto de encurvar o braço, entre duas estações suburbanas. Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida. Sophie, só as cartas comerciais são dirigidas. Todas as outras devem, pelo menos para o homem superior, ser apenas dele para si próprio. Tu és do sexo das formas sonhadas, do sexo nulo das figuras.*

Tudo, menos estabilidade. O que me torna filosoficamente deplorável (e não “generoso”), mas poeticamente interessante – um sincero contemporâneo, um heterônimo. Hoje, eu abandono você, pois esse é o meu dever, neste ponto de junção entre meu ser e suas regras. Minha estabilidade é outra coisa (aconteça o que acontecer, saiba que eu nunca deixarei...), eu não sou tão deplorável quanto tudo isso, e você sentirá saudades de mim. Cuide de você:

Vale, de igual para igual, e não coloco aspas, porque nós deveríamos estar na mesma sintonia cultural, se você não fosse tão mulher, você não sofreria, sua vaca estúpida. Deixe pra lá. Se eu quisesse, se eu amasse você, é claro que eu teria mudado as regras do jogo.

MUDAR AS REGRAS DO JOGO

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] “outras” [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] “generoso” [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] “desassossego” [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] “outras” [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

FILÓSOFA

Catherine Malabou

P.S.: Para dar certa base filosófica a essa pequena interpretação, eu veementemente sugiro a leitura dos trabalhos de Kierkegaard, também um recurso para o nosso infiel amante cujo texto, desde as primeiras linhas, fala basicamente apenas da dificuldade da própria existência: “É como se não me reconhecesse na minha própria existência”; esse “não reconhecimento de si mesmo” é o foco, como é sabido, do brilhante pensamento desse filósofo dinamarquês. Particularmente, é claro, em *A repetição*, que, na verdade, trata do rompimento do relacionamento com sua noiva Regina.

HEADHUNTER

Christiane Cellier

O candidato tem um discurso intrincado

Tenta ao mesmo tempo se explicar e se desculpar para evitar repreensão e para jogar a responsabilidade nos outros. Para ele, seria adequada uma posição na qual seu talento para escrita fosse bem aproveitado. Porém, sua admirável capacidade para dispensar – “Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Cuide de você” – poderia ser bem útil ocasionalmente para empresas que estejam passando por uma “reestruturação”... na esperança de que não causasse muito protesto nos sindicatos...

Arlette Farge

Ele certamente viveu no século 18. Pode não ter sido um grande aristocrata nem homem da corte, mas pelo menos possuía algumas das maneiras e hábitos de cultura. E, então, ele amava essa mulher; porém, ela estabeleceu uma condição que não se tornou apenas um fardo, mas o levou à ruína: ela pediu que o olhar dele nunca mais pousasse sobre outra mulher. Ele parecia ter forte inclinação por alguns dos prazeres daquele século; seu mal-estar, sua melancolia e mesmo sua angústia e sua escrita evidenciavam tanto seu desejo por ela quanto pelo prazer furtivo de “possuir” outras. Um tanto banal, na verdade. Pode-se imaginar que sua jornada não os tenha levado a Cítera. Porém, um dia, ele quebrou o pacto dos amantes, um pacto que não era fácil manter nesse século do Iluminismo no qual, para os libertinos instruídos, amar significava, sobretudo, apreender: apreender inteligências, atenção, sentimentos, e sujeitar o outro à sua influência, mesmo se a carne mal se lembrasse. Tanto a carta de amor quanto a de rompimento colocavam os sentimentos em xeque: a neutralização das emoções era sinônimo de distinção.

Tendo escolhido o lado da virtude em uma noite em que promessas tinham sido feitas, exatamente como apenas um século antes poder-se-ia ter escolhido o lado do piedoso, ele foi incapaz de mantê-la; sendo um homem honrado, ele contou a ela. Ele ainda a amava, ele imaginava sua fúria e chegou a antecipá-la. Apesar de parecer pouco emocionado, as palavras revelavam que aquele libertino, que outrora estivera certo de sua força, estava desmoronando ante a tarefa e ante ela também. Ele sabia o preço da sua confissão: nunca vê-la novamente. E o seu adeus talvez tenha soado como uma vez soara o seu “olá”. Ele não se debulhou em lágrimas porque colocou sua *persona* social para esconder qualquer expressão de coração partido. A Revolução de 1789 ainda estava por vir: alguns a desejavam, não há dúvida; tão remotos pareciam tanto ele quanto qualquer parte dela que se pudesse decifrar, de qualquer mundo exterior que eles pudessem ter habitado. Esse foi verdadeiramente o Antigo Regime, cego à vulnerabilidade. Para ele, portanto, ela nunca mais usaria seu vestido de gala; para ela, vesti-lo para ele estava agora fora de cogitação.

INTÉRPRETE DO TALMUDE
Eliette Abécassis

Covardia ou sublimidade?

JOGADORA DE XADREZ

Nathalie Franc

O preto desiste.

O jogo não poderia ter continuado? Olhemos com mais atenção.

Ele é o Rei preto. Ele é frágil, malprotegido por seus Peões, exposto às ameaças das peças brancas. Ele não está em xeque-mate, ele não está sendo diretamente atacado, mas isso poderia acontecer em breve. Ele não o será: ele está deitado, o que significa o final do jogo já perdido.

Com ele, as três Outras: três Torres. A Torre, uma peça neutra. A segunda peça feminina, muito menos valiosa e poderosa do que a Rainha. Pode-se ficar fascinado pelos Peões, que têm o poder de se transformar; pelos Cavalos, que podem se mover sobre as demais peças; pelo Bispo; pela Rainha, que tem o maior campo de ação; mas raramente pelas Torres, com seus movimentos previsíveis, funcionais e eficientes, em linha reta.

Que tipo de jogador de xadrez diria que sua peça favorita é a Torre?

Três Torres, então, porque não sabemos nada sobre os movimentos neste jogo. Tudo o que podemos ver é a posição final. Três Torres. Um cenário incomum, mas possível. Algumas decisões estranhas devem ter sido tomadas para se chegar a esse ponto.

Um Peão preto, também: proteção frágil e mínima que talvez pudesse ter mudado tudo se tivesse tido a chance, se o Preto não tivesse desistido do jogo prematuramente.

Em frente ao Rei preto, está o Rei branco. Ela. Seu *alter ego*. Diferente e semelhante. Aqui, o Rei branco avançou no tabuleiro e está protegido por outras peças. Cavalos próximos a ele, Bispo na longa diagonal: parece seguro. Mais à frente, Peões que avançaram bastante. No xadrez, cada Peão tem a esperança de evoluir; é a única peça cuja condição pode mudar! Aqui, os Peões brancos avançaram juntos, como uma promessa de mudança. Será que eles assustaram o Rei preto de tal forma que ele não consegue considerar sua permanência no confronto?

É a vez das peças pretas jogarem. A posição final não era clara. Ela mudaria, a cada jogada.

Um jogo de xadrez não pode parar no tempo. Cada lado faz suas escolhas, às vezes de forma intuitiva, às vezes depois de pensar muito, sem conseguir calcular todas as consequências. Porém, é difícil não se arrepender dos erros cometidos quando se perde o jogo.

Dizem que nunca se deve desistir no jogo de xadrez. Que um jogo só deve acabar com o xeque-mate.

Aqui, a única saída teria sido sacrificar as Torres pretas, mas não podemos saber qual seria a reação de cada lado.

O Rei preto está deitado.

Newsdesk

**Para senhorita Sophie Calle em resposta à sua carta datada de 10 de junho de 2004
Por que essa carta não será publicada no jornal**

Essa carta não matou ninguém

Para terminar o relacionamento, o autor não usa os venenos da marquesa de Brinvilliers ou o fogão de Landru, nem mesmo antraz dentro de um envelope, como fazem os jovens modernos nos EUA. Não, o que temos é uma carta incômoda, sem observações sarcásticas que poderiam também ter feito o trabalho. É claro que ela não provocou o tipo de emoção que pudesse levá-lo a cometer um crime, ou ela, ao suicídio. Resumindo, nós precisaríamos de um cadáver para noticiar esse rompimento – e, portanto, a carta que o provocou – nas páginas policiais.

Essa carta não interessa a ninguém

Por outro lado, as colunas sociais gostam muito de corações partidos, mesmo (e, talvez, principalmente) se não forem fatais. Não há nada aqui que sugira tratar-se de uma pessoa famosa o suficiente para que sua vida amorosa chame a atenção de mais gente, além de quem já tenha dividido a cama com ele ou queira fazê-lo. Além dessas pessoas, alguns colegas de bar, um ou dois fofoqueiros, talvez a família – em outras palavras, ninguém. É dificilmente o tipo de material que inspira um colunista social.

Essa carta não é um livro

Se, por acaso, o autor fosse um escritor, essa carta talvez pudesse fazer parte do começo de um romance epistolar, de um livro, ou até de um folhetim. Mas o que é uma carta, especialmente esta, que é tão curta? Você precisaria de muitas delas para ter uma publicação que pudesse interessar à seção literária.

Essa carta não é uma carta

Há uma “seção de cartas” na qual publicamos as reações dos leitores às notícias publicadas no jornal. Não é o caso aqui.

Essa carta foi parar no lixo

Não foi difícil descobrir quem escreveu essa missiva e quem a recebeu. Senão, sejamos honestos, essa carta não teria sido entendida literalmente, porque é óbvio que não há absolutamente nada nela que interesse a uma jornalista. Isso não quer dizer que a tal jornalista não receba outras cartas do mesmo tipo. Na verdade, o estranho é que elas são frequentes. Geralmente, algumas poucas palavras anunciam a sua chegada: “Mais um(a) maluco(a)”. E elas acabam na lixeira. O comentário foi mais extenso, mas a forma de arquivamento, a mesma.

JORNALISTA DE AGÊNCIA DE NOTÍCIAS
Bénédicte Manier

Celebridades da arte

URGENTE 📢📢📢 Sophie Calle recebeu uma carta de X. terminando relacionamento

Paris, 25 de janeiro de 2006 (Agência News International) – Na quinta-feira, a artista Sophie Calle recebeu uma carta de X., na qual ele lhe informava estar terminando o relacionamento dos dois, informaram na noite de quinta-feira pessoas próximas à artista.

abm/sv/rd

Um jurista verá essa carta como a ilustração dos princípios fundamentais do nosso direito civil, pois ela se refere à conclusão e execução de contratos.

O que é um contrato? É um acordo voluntário entre duas pessoas, cujo consentimento deve ser livre e ciente, para criar certa situação e organizar de forma precisa as regras segundo as quais ela funciona. Cada parte contratante entende que se beneficiará do contrato, mas, em troca, estará sujeita a certas obrigações.

O recipiente desta carta estabeleceu uma condição na conclusão do contrato amoroso com o remetente: a amante não deve se tornar a “quarta”. Está claro que o amante achou essa condição um tanto severa desde o início. Entretanto, ele a aceitou, ciente de que, sem tal compromisso de sua parte, o contrato não teria sido concluído.

Após honrar o contrato por algum tempo, o amante está a ponto de quebrar essa cláusula fundamental do contrato, de forma irreversível. A parte cocontratante terá o direito de usar isso como base para pedido de rescisão, ou seja, anulação do contrato.

Então, por honestidade ou conveniência, o autor da carta antecipa a rescisão do contrato.

Um jurista também chamaria atenção para a extrema contratualização do relacionamento, pois não só as leis que regem o relacionamento foram precisamente acordadas, mas também as regras que regem a consequência do mesmo: o relacionamento amoroso não poderia ser seguido de amizade em hipótese alguma.

De maneira geral, esta carta ilustra claramente o fato de que a forma como uma relação amorosa é conduzida não é muito diferente da negociação e execução de um contrato de aluguel comum. Vinda de um jurista, tal afirmação não deveria ser vista como um sinal de cinismo; pelo contrário, ela expressa o interesse, a riqueza e a sutileza com os quais eles creditam os relacionamentos amorosos.

LATINISTA

Anne-Marie Ozanam

1

Os latinos costumavam se identificar no começo da carta, e não no final. Eu utilizei *ignotus* para traduzir X, que significa, como em *Harry Potter*, aquele cujo nome não deve ser pronunciado – *cuius nomen non dicendum est*.

2

Já que a palavra “email” obviamente não existe no latim clássico, eu adotei a tradução proposta no *Lexicon Recentis Latinitatis*, publicado pelo Vaticano (Libreria Editoria Vaticana).

3

Para traduzir “dizer o que tenho a dizer de viva voz”, eu escrevo: “dizer, eu presente a você presente”, fazendo um pasticho da famosa fórmula utilizada por Suetônio (*A vida de Tito*, VII) quando Tito deixa Berenice: *Berenicen dimisit invitus invitam* (ela a deixa contra a própria vontade e contra a vontade dela).

4

Quodam: para atenuar o que seria (o que é) a natureza exagerada da seguinte formulação feita pelo cavaleiro: “uma espécie de angústia terrível”.

5

Tentei explorar o uso do poliptoto (repetindo a raiz *currere*: *procurrere*, *praecurrere*) para transmitir a metáfora do cavaleiro (“seguir adiante para tentar superá-la”).

6

Hesitei na tradução de “a quarta”. Eu deveria entender literalmente essa expressão e imaginar que o cavaleiro já tivesse outras três namoradas? Nesse caso, eu deveria ter escrito: *ne fieres umquam quarta amica mea* (= que você nunca se tornaria minha quarta namorada). Mas creio que as aspas nos levam a dar à expressão um sentido mais figurado (como popularmente se diz “ser apenas mais uma”, ou “servir de estepe” ou “fazer parte do harém”). Para os gregos e romanos, o equivalente seria “ser o tritagonista” (o terceiro ator), aquele que tem o papel de “coadjuvante”, digamos (os povos antigos os chamavam de “terceiros papéis”: em latim, *agere tertias partes*). Para manter a alusão às quatro namoradas, escrevi: “representar os quartos papéis”, que não existe na Antiguidade, mas que, sem dúvida, corresponderia aos nossos pobres “figurantes”.

8

Entendo que “essa semana” tem um sentido um tanto vago (recentemente). Se realmente quer dizer sete dias, exatamente, poderíamos escrever: *septem ante diebus*.

9

Entendo perfeitamente que se trata de “procurar” pelo telefone (meio de comunicação que era obviamente desconhecido pelos latinos). Mas, em vez de buscar um equivalente no *Lexicon Recentis Latinitatis*, eu deliberadamente dei ao verbo “procurar” um sentido de afirmação de autoridade. *Evocare* é a palavra usada quando um general chama seus soldados para voltarem ao serviço (= ele os recruta). O cavaleiro procura as suas amigas, que por definição estão à sua disposição, quase da mesma maneira que o dono assobia para chamar seus cachorros.

10

Devo admitir que eu não tinha certeza se “a doçura com a qual me trata” era objeto de “apreender” ou de “sentirei saudade”. De qualquer maneira, a frase soa estranha. “Apreender a doçura” não é muito feliz, mas coordenar o substantivo “doçura” com uma série de verbos que são complementos de “sentirei saudade” (“deixar de ver... falar... apreender... e sua doçura – coisas das quais sentirei uma saudade infinita”) me parece ainda mais sem sentido. Colocando de forma suave (e sejamos bem-educados aqui!), é um zeugma bastante ousado. Além disso, o cavaleiro está bastante atarefado com suas negações. Poder-se-ia dizer: “Sentirei saudade”, “Sentirei saudade da maneira como você vê as coisas”, mas qual o significado de “deixar de ver você... sentirei uma saudade infinita”? A linguagem popular usa esse tipo de frase às vezes, mas é absurdo e impossível de se traduzir para o latim. Então, tive que me afastar do texto para conseguir dar a ele um mínimo de coerência.

11

Essa sucessão de orações subordinadas (e muitas vezes relativas) está to texto. Sinto-me na obrigação de reproduzi-la, apesar de não considerar isso muito feliz.

12

A irrealidade do passado, ou uma afirmação atenuada? Escolho a irrealidade.

13

Os latinos sempre terminavam suas cartas com *nale* (continue bem). E é um tanto interessante o fato de o cavaleiro ter repetido essa fórmula de despedida. Não posso deixar de pensar no selo com o qual Rodolfo lacra sua carta de separação à Emma Bovary, que carrega o dito: *Amor nel cor*.

MÃE

Monique Sindler

Minha querida

Creio que ele realmente é, e sempre será, um homem letrado, e não um homem simples. Entendo sua tristeza e, apesar de tudo, não estou surpresa com essa carta que cheira a auto-obsessão.

Bem, em sua defesa, ele faz tudo apropriadamente: “desassossego” (não é mau), “farsa” (trágico), “irremediável” (solene)...

Ele certamente tem talento literário, e isso é uma bênção! Incorporar um Benjamin Constant e escrever uma carta de rompimento na qual a palavra principal, AMOR, é conjugada em todos os tempos do indicativo. Como diria Woody Allen: “Todos dizem ‘Eu te amo’”.

Compartilho do seu desapontamento com tudo isso, mas não precisa fazer muito drama.

O seu “amor” durou apenas três ou quatro estações e vocês sequer chegaram a morar juntos. Se você tivesse ficado 25 anos com um homem e depois fosse trocada por uma garotinha por causa da crise da meia-idade, essa seria uma situação clássica, e muito mais dolorosa. Pense que o que você tem em mãos é o melhor tipo de carta.

Um músico teria dito que ouviu uma nota errada em seu coração. Um encanador teria falado que seus sentimentos estão vazando pouco a pouco, um eletricitista teria mencionado um repentino “curto-circuito” e um representante de uma loja de eletrodomésticos teria recorrido ao fim da garantia.

Lembremos de antigos provérbios: “antes só do que mal-acompanhada”, “há males que vêm para o bem”, etc.

Linda, famosa e inteligente como você é, logo você encontrará alguém melhor. Falando em “levar o fora”, lembro de quando eu era mais nova e tive que lidar com “Eu não mereço você”. Depois, eu tive mágoas piores, mas eu me arrependo dos meus arrependimentos. Apesar da humilhação e da raiva, havia sempre uma necessidade de tirar o melhor dessa situação, o que eu certamente fiz. Você deixa, você é deixado, esse é o nome do jogo, e para você esse rompimento pode ser fonte de inspiração para uma nova obra de arte – estou errada?

Amo você,

Sua mãe

Louise

Carta codificada de acordo com o sistema do código de Vigenère.

A palavra-chave escolhida para a codificação foi “Rompimento”.

IMYTB,

FS GODTKQVVT AVZTDZ OSAOSIGMG KAQ IHQV S PXHQV B JIV HQCPA E QBNVF PT DUZN OCQ.
AMH XQPB FSECE HMDÁ TBK SJQDXBA.

GBFC MCOT XÓPI IXF, EÂC FTVTS RLHRA QMY YMWDOYTVFI. R VCDC ET VÂA QR
KSTCZWMOIFLS EO YXVTE CKÓDIWM TFUWGXBTWM. JUM IFISTWQ SM MRTÚLHZO FTZDÍZRE,
QBFBI M UHTZ EÂC BDAES STNVF SGIZHR VCZGM, HMZÂS FXULWD PLUEAMS GODP BQRGTF
JIBTZÁ-XE, PHAF GQBXDI SBN. HIMCLA RBL QFBTTKQQL, JFQQ XUBÔW HFO TCZSQÇÂA: RÂB
LSI O “CJIDXN”. XI DOZIQHI B FSL QABXDSZBGJC: TÁ BMEIF WSZLQX LQ ZRK OJ “CGIZMW”, AÂH
OTVMCLA SOOWRAQCBQ YZ FSZC PT DQ-PNL, GVA RPHQV QX JFQQ JUM HREOJ.

OOWMU UHX WJGA QIEXNLGV; OOWMU UHX ODOD KWOI R H GVI MBWD WRKWRA
EJNUGVXBKSE EIDE DNS R OZVÚAFMN JIV AQ UIL WRFDIS CJMDIE UIJQMG WGXEHG
YCDXHARGXG V AQ XUBIQX RV GQG BDEAJZZA T, AQQ QÚOWUO, PT AQV FBAGZQHUQRGX
TVZUO M “SIAXFFGA”, HM MUHBSKOEHM OSZ H GVI ODVFEHG S EO OTZFIMT RV EGT W
MQBK ELS HDKQ XRF DFF YXU RSV H ARWE QMZISBQF DMGI YMZ, H ARWE QMZISBQF EGT
RMQNBG KWHT, DAGR LOSS PXAES. NVVVW CJM M IFVFZHM HMDMN NA ISYTLUS, DNS DSG
SMEEFLCJGQVW EI QBGJCKMDMN GSCO BPZM IAVCEHDPZ HSPX.

ARG ZÂD. MEXBN DZCD PQZHN; GÂC KZWW OSAWÇÖVG ETYGIE WS CVQ TFBPVVOI C
QHBMHB XA HIQ BM QRPHBKFA. TVFÂS, RLHR GQBIZE, PHAVQX I BVBVIOD PA “AYGKOJ”.
S ETQ NIZ H ELS UHAA WVZBTURI BEET AZA Q TU CYR MWGC PT KUGYH SJHAJ MZXETBUC.
VPUMMF FSEHU EIDE IHQV S ZÂD M MKBKO HIQ KWG GBFSÇRF.

TDCHI HFO FIFGI DITKO HIQ KWOI VFDÔJ BA XVÍOMB WS ECEHI TMFMÓFZO: ZD LUE RF ELS
PTQJÁWFXAFG PT AQV NFOEHQH, AQVVT WEQACKQFÍXZ GODP DAGR FS MSD CWHEZXBKS.
HDKQ WNUS HIQ TAEV VFDFGUÇÂD UQ TNKSTS PTAMWGKJJO, UCRGWGT (XA HIQ KWOI
NBBUO HT J, D,...) I PHAGFQTVEÍZRE (CSJUPUQRGX...); QFA UHAA, NNFOZG BDLQVVT AV
HAGVMV FXI RAUVW.

YEF ACAS, HDKQ TBWS RJMAQMV N BAGCDIÂVOMN WO DWZWI PIPBGÂF, IYP DQD DNS VGFDC
PMFICJHA P UQ GHKJRF PXIZXR WO JIM KWZSNWS, GCUH LQMKTU US HTZ HSPX S US RPTMV
PHA MCOT, LQ ECKSVBPTZ A WRN CCVMG AAFEX OJ QAXAMW R HG JSOTA Q E QHÇIO ODU
M UHTZ MCOT UQ XETHR GÂA RWUWNL RRG CJUW FXBKWDTQ GQN LOLRMSM URSBBZHM.
PKARGXÇO F EGT IOSAMSTSD, HIUFN JIV BGCKM HRBLRFQX LQ EZTF MCOT LM QNGSZFM FCQ
WRFDIS MBMU HRLRV EGT VAW PHBYSOTUAW, R XGJS MBWD WR XGKSZSMDÁ IZ FWD S, FTVTS
PXFSLP, RMQNBG DCDGMDÁ.

QNL VFXQ, HMDMN T DZCD SIE JNKGRG YPVFIE NAR GUICMÇÂS DNS MCOT AMFR MÂC SSY
FCMRGH SL HQG AQ XKBRRRA XZDIZXRZÁJQA, UQWZH QFA FDLA S NFCI EGT AQRGBAFG GB
XQPB HIKFA. T M VYFMODSZIM QWFX ODCD FCQ QR HPIWSP I EIE ACESEIW OSZ OCTS YPQE
YZT JVN, ODUÁ ÚPGBAR DDDDM HB JIV VAJDQ IAMFV BÓE T YGI CXFDOZTKQVÁ ÚABQF.

UAHBMVVT ELS MH KAMFTG KWHTAEIZ MCDOPD CY VHFC UWRTZQRGX.

QLWPT LQ ZBVS.

O

so'fi:

'a ɐw'gũ 'tẽpu 'veŋo ke'rẽdu ʎiskre'ver ɪ hespõ'w'der aw sew 'u'w'tʃimõ e'mejo
aw 'mesmo 'tẽ'pu mi parese'riẽ me'ʎar cõ'w'ver'sar cõ'w'vose j dʒi'zer u qui 'teŋo a
dʒi'zer dʒi 'vivẽ vɔ's ma's 'pelõ 'menõs se'ra pur is'krito
'komõ 'vose 'podʒi ver nãw 'teŋo s'tadu 'bẽ'j u'w'tʃima'mẽ'tʃi ɛ 'komõ si nãw mi xekoŋe'sese
nẽ 'miŋe 'pɔɔpɔɔje ezis'tẽ'sie 'umẽ is'pesie dʒi ã'gustʃie te'xivew 'cõ'w'trẽ ɐ k'aw nãw 'põso
'fazer 'grãdʒi 'kojza si'nãw se'gir adʒi'ãtʃi 'parẽ 'tẽtẽ supe'rale 'komõ 'sẽ'pɔɔi fis
'k'ãdu nus koŋe'semus 'vose ɾ'pos 'umẽ kõdʒi'sãw nãw ser a 'k'arte ew mẽ'tʃiɔi u mew
cõpro'misõ 'a 'mezis dej'sej dʒi 'ver ɐs 'o:wtrẽs nãw ɐ'ʃãdu ɔbivja'mẽ'tʃi ã 'mejw dʒi 'velẽs
sẽ'j fa'ze dʒi 'vose umẽ 'deleẽ ɐ'sej ki 'isõ bẽ'stasõ ɐ'sej ki ɐ'mar 'vose ɪ u 'sew ɐ'mor
se'riẽ'w sufisi'ẽ'tʃis pra ki a ã'gustʃie ki mi fa's 'sẽ'pɔɔi ke'rer bus'kar 'owtrõs ori'zõtʃis ɪ mi
ɾ'pedʒi dʒi ser trã'k'ilo ɪ sẽ'j 'duvide dʒi ser s'ĩplis'mẽ'tʃi 'felis ɪ gene'rozo si ɐkje'tassõ kõ'w
u sew cõ'tato ɪ nẽ cer'teze dʒi ki u ɐ'mor ki 'vose tẽ'j pur mi foj u majs be'nefiko prẽ mi u
majs be'nefiko ki zẽ'majs 'tʃiɔi 'vose 'sabõ 'dʒisso a'sej ki ɐ s'krõtẽ se'riẽ ã xe'medʒiɔw ki
mew dezẽso'sego si disowve'riẽ 'nele prẽ ẽ'kõ'trar 'vose majs nãw s'tow pɔ'ɔr ɐ'ĩde nãw
'teŋõ kõdʒi'sõjs si'ker dʒi ʎispli'kar u s'tadu ẽ'j ki mi'kõtro ɾ'tãw 'estẽ se'mãne kome'sej a
proku'rar ɐs 'o'w'trẽs ɪ sej bẽ'j u ki 'isõ signifi'kẽ prẽ mi ɪ ẽ'j ki 'tʃiɔi dʒi 'siklo s'tow
ẽ'trãdu zẽ'majs mẽ'tʃi prẽ 'vose ɪ 'nãw ɛ ɐ'gõra ki vow kome'sar 'owvõ 'umẽ 'owtrẽ 'hegre
ki 'vose ɾ'pos nu ɾ'nisiɔw dʒi nõsa s'tõɔɔje nu 'dʒiẽ ẽ'j ki dej'sasemus dʒi ser a'mõtʃis se'riẽ
ĩkõse'bivew prẽ 'vose mi ver nõva'mẽ'tʃi 'vose 'sabõ ki 'esẽ ĩpozi'sãw mi pa'resõ dezẽs'trõze
ɾ'zuste 'za ki 'vose ɐ'ĩde 've be ɛhi ɪ kõpre'ẽ'sivew obivja'mẽ'tʃi kõ'w 'isõ zẽ'majs pode'riẽ
mi tor'nar 'sew ɐ'migo majs 'õzi 'vose 'põdʒi ɐvẽl'ar ɐ ɾ'põr'tãsjẽ da 'miŋe desi'zãw 'umẽ
've's kis'tow dʒis'postõ a mi 'kurvar dʒi'ãtʃi da suẽ võ'tadʒi pojs de'ʃar dʒi 'ver 'vose ɪ dʒi
fẽ'lar cõ'w 'vose dʒi ɐpre'ẽ'dero sew o'ʎar 'sobri ɐs 'kojzẽs ɛ us 'seris ɪ a do'surẽ 'kõ'w ɐ
'k'aw 'vose mi 'trate 'sãw 'kojzas dẽs 'k'ajs sẽ'tʃi'rej 'umẽ sãw'dadʒi ɾ'ĩni'te akõ'w'tesẽ u
ki ɐkõ'w'te'ser 'sajbẽ ki 'nũkẽ dej'se'rej dʒi ɐ'mar 'vose da mẽ'nerẽ ki 'sẽ'pɔɔi ɐ'mej 'desdʒi ki
nus koŋe'semus ɪ 'esi ɐ'mor si stẽde'ra ẽ'j mi ɪ 'teŋõ ser'teza zã'majs moxe'ra majs 'õzi
se'riẽ ɐ pɔ'ɔr dẽs 'farsẽs mã'ter 'umẽ situa'sãw ki 'vose 'sabõ 'tãw 'bẽ'j 'k'ãtu ew 'ter si
tor'nado ixemedi'avew 'mesmo cõ'w 'todõ u ɐ'mor ki sẽ'j'tʃimos ã 'pelõ 'owtro ɪ ɛ
zusta'mẽ'tʒi 'esi ɐ'mor ki mi o'brige: ser o'nestõ kõ'w 'vose majs 'umẽ vejs 'komõ 'u'w'tʃimõ
'pɔɔvẽ do ki 'owvõ 'ẽ'tri 'nõs ɪ ki permẽnese'ra 'uniko goste'riẽ kɔɔs 'kojzas tʃi'vesẽ
to'madu ã 'xumõ dʒife'rẽtʒi
'kujdʒi dʒi 'vose

ʃis

sophie

de viva voz
eu não posso
tornar-me as outras

certeza
começar o dia
rumo diferente

ophe(l)ie
me pareceria
grande

quando manteve
amor
o estado em que

houve
contato e as
eu conheci você

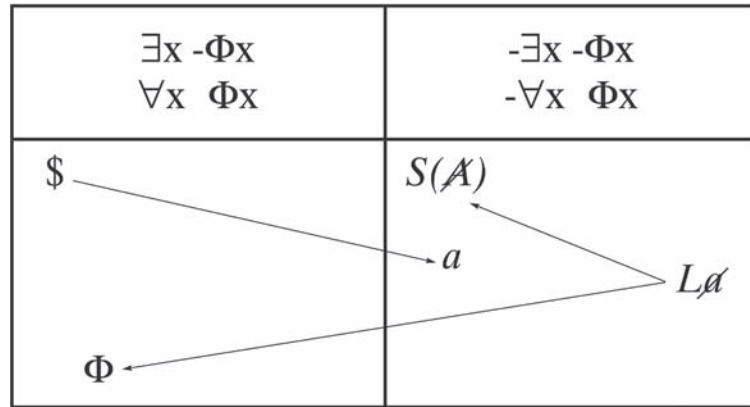
gostaria disso

p.s. você sabe para mim

*o significado me impede
único você sabe
se dissolveria
um mal uma dúvida
eu estou entrando*

PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Laure Guy

1. Dê um título para essa história.
2. Quem é o herói da história?
3. Qual é o elemento perturbador?
4. Como o herói quebra o pacto?
5. Como ele decide resolver seu problema?
6. Dê outro final para a história.



Um homem

Uma mulher

REVISORA
Valérie Lermite

Pontuação: mudei-a somente
onde necessário.

Mudar todos os apóstrofos
Mudar todas as aspas

Sentença
longa,
malconstruída

proposição

começo
de sentença
desajeitado

certo

Repetição
inadequada

Texto curto, repetitivo. Eu marquei todas
as repetições e destaquei com cor laranja
as conjugações do verbo “saber” e
com amarelo as conjugações do verbo “dizer”

Alinhar
à direita

Marie Nimier

CANÇÃO DO METRÔ

*Sophie, chega**O local: um vagão de metrô**A pessoa: um homem com o cabelo desalinhado*

O homem desalinhado: com uma cara péssima

Boa-noite, senhoras e senhores

Não tenham medo FALSO

Não estou escondendo um violão sob o casaco

Tenho casa e comida

E, ainda assim, passo necessidade.

Vou lhes contar o motivo

EMOCIONALMENTE PRECÁRIO

Eu amava Sophie

DIFÍCIL?

Sophie me amava

Eu larguei Marie por ela

Eu larguei Sandra por ela

Larguei a Mônica

E até me larguei um pouco também

Achei que isso bastasse

Que tudo que deixei por Sophie bastasse

Que Sophie seria suficiente

ASSUSTADOR

Mas não

MONSTRUOSO

Sophie não foi suficiente

INSUSTENTÁVEL

Não bastou

ABOMINÁVEL

Uma espécie de angústia terrível

ATROZ

Então procurei a Marie

Procurei a Mônica

E como resultado de tudo isso

Fui obrigado a deixar Sophie.

MARCADOR DE LISTA EM NOME DO AMOR

Sinto-me muito só

Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente

Se você tiver uma demonstração de afeto, um abraço

um aperto de mão

VALSA DAS COISAS QUE

ou apenas um número para eu ligar

TOMARAM UM RUMO DIFERENTE

já ajuda.

Desculpem o incômodo. Obrigado a todos.

EVITE SENTIR PIEDADE, COMPAIXÃO

*O homem anda pelo vagão com a mão estendida. Os passageiros mantêm o olhar baixo.**Ele descerá na próxima estação e continuará seu lamento no próximo vagão.*

ou: uma jovem discretamente coloca um pedaço de papel em seu bolso (está na bolsa) final feliz, por uma vez o homem não descerá na próxima estação (não se paga para sonhar).

Ela me basta, ela é suficiente, mas
 Sophie, chega, acabou: basta cosi!
 Sophie, está de bom tamanho, e quando você
 pensa que essa garota
 foi a que eu mais amei.

Inserir rima infantil:
 “O pato pateta pintou o caneco”

Há um serviço
 pós-venda?

SOPHIE NÃO FOI SUFICIENTE
 NEM AS OUTRAS, CLARAMENTE
 MINHA IDEIA NÃO VAI COLAR
 QUE PENA, VOU TER QUE PARAR

ROTEIRISTA
Anne-Louise Trividic

22 – Sala do apartamento. Int. noite. Pleno verão.

Sophie está sentada. Mais longe, um telefone celular cai no chão sozinho, vibrando. Ela está em um canto do cômodo, ela o procura com os olhos e o vê, sem se aproximar. Caído, ele continua a vibrar. É como se ele tentasse se arrastar um pouco pelo chão. Então, ele para.

...

O banheiro.

Sophie toma banho. A parede da banheira foi refeita, mas ainda não está totalmente pronta. É um semiconserto. Não vemos o seu corpo. Apesar de a cortina de banho não estar fechada, o vapor é muito denso.

...

Ela está de cabeça baixa e seca os cabelos com uma toalha. Ela ergue a cabeça rapidamente, os cabelos molhados. Olha diante de si.

23 – Escritório em imóvel moderno. Int. dia. Mesmo dia. Flashback.

Sophie anda pelos corredores, não ouvimos seus passos. A concepção do local é perfeita, isolamento acústico máximo. Ela anda, e não escutamos nada, dos escritórios diante dos quais ela passa, ouvimos apenas murmúrios. Um local de trabalho perfeito, que respeita o indivíduo e não aliena.

Em uma das salas pelas quais ela passa, alguém a vê e acena para ela, ela responde exatamente com o mesmo sinal.

Voz de Sophie em off: Sou a mulher que tem um escritório no 3^o andar e que tinha 3 compromissos pela manhã. Eu não me atrasava, mesmo em um dia como esse.

Eu sou uma mulher que se pode abandonar sem que ela se atrase.

24 – Rua. Ext. manhã. Fim da primavera. Mesmo dia. Flashback.

Ela está na rua e sem dúvida perto do café. Ela não tem mais sua sacola de brioche e anda rapidamente. Um carro passa por ela a certa distância e para um pouco depois, no farol vermelho. Pelo vidro traseiro, alguém acena, dá tchau para outra pessoa que, sem dúvida, está atrás dela na calçada. Uma criança, talvez. Ela continua andando, se aproxima do carro e, depois que o farol abre, se vira rapidamente para ver para quem a pessoa do carro acenava.

Cartão

Então, esta semana, comecei a procurar “as outras”.

25 – Bloco chamadas telefônicas. Apartamento desconhecido. Int. dia.

O barulho do telefone que toca.

É o homem do cruzamento, o que usava um chapéu, Jean, que atende.

Ele

Sim, quinta-feira, eu posso, não, Sophie não irá, não... Acabou tudo entre nós.

...

Mesma casa, ele atende novamente, fala sem que haja tempo para que a pessoa do outro lado da linha responda.

Ele

Eu irei sem Sophie, não estamos mais juntos.

Mas, não, não é triste... Essas coisas, elas acontecem o tempo todo, não?

Voz de Sophie em off que se sobrepõe na próxima sequência: Em qual momento ele disse a si mesmo que estava feito? No momento em que ele clicou “Enviar”? Ou no momento em que ele falou de verdade com alguém, a primeira vez?

...

Quando ele me viu?

26 – Galeria. Int. noite. Fim da primavera. Mesmo dia. Flashback.

Um coquetel. Um vernissage, talvez.

Muita gente. Sophie está lá com a pessoa que ela cumprimentou no corredor do escritório. Ela está com a mesma roupa que usava de manhã e apenas colocou um casaco por cima. Há muita gente que se conhece. Sophie conhece as pessoas, ela as cumprimenta, mas não se detém com nenhuma delas. Ela continua andando, graciosa, ágil, entre as pessoas, como se nunca quisesse parar.

Mas ela para. Ela viu algo. Alguém. Agora, ela anda na direção do que viu. Dois homens estão lá. Reconhecemos o homem do chapéu, do cruzamento.

Ela está bem perto deles. O homem do chapéu olha para ela, sorri. Um sorriso humilde, gentil. Ele olha para seu amigo e, depois, para Sophie.

SEXÓLOGA

Catherine Solano

Não, não vejo motivo algum para lhe receitar antidepressivos. Você está triste, só isso. Um evento triste sempre está ligado ao sofrimento, mas recorrer à química não é a solução apropriada. Tenho certeza de que você é forte o suficiente para seguir em frente e encontrar dentro de você tudo de que precisa para agir e reagir.

SUBEDITORA-CHEFE
Sabrina Champenois

O inferno,
sem os outros

Amante rompe
e afirma que motivo
é respeito pelo
pacto inicial.
Honestidade ou covardia?

TRADUTORA
Adriana Hunter

Sophie¹,

I have been meaning to write and reply to your² last e-mail for a while. At the same time, I thought it would be better to talk to you and tell you what I have to say out loud.

Still, at least it will be written.

As you have noticed, I have not been very well in myself recently. As if I no longer recognised myself in my own existence. A³ terrible feeling of anxiety, which I cannot really fight, other than keeping on going to try and overtake it, as I always have done. When we met you laid down one condition: not to become the “fourth”. I stood by that promise: it has been months now since I have seen the “others”, because I obviously could find no way of seeing them without making you one of them.

I thought that would be enough, I thought that you loved⁴ and that your love would be enough⁵ so that this anxiety –⁶ which constantly drives me to look further afield and which means I will never be at rest or probably even just happy or “generous”⁷ – would be calmed when I was with you, with the certainty that the love you have for me was the best⁸ for me, the best I have ever had, you know that.

¹ Os problemas aparecem logo no começo! Em inglês, costumamos usar a palavra “Querido(a)” até mesmo em emails, ou então nos limitamos a deixar simplesmente “Oi”. Colocar o nome em si soa um tanto rude na língua inglesa. Não tem o mesmo impacto que tem na língua francesa: os franceses costumam fazer isso em emails. Deixei do jeito que está esperando que soe sério e não abrupto.

² O medo de todo tradutor – a diferença entre “tu” e “vous”. Acho muito curioso o fato de esse homem falar com sua amante utilizando o pronome formal “vous” e – sem pesquisa alguma – é impossível saber se ele sempre a tratou por “vous” ou se essa formalidade é nova, emprestando a este email uma fria ausência de intimidade. Se os amantes sempre se trataram por “vous”, será que isso era dito de forma séria e por respeito mútuo ou porque eles quisessem preservar certa distância entre eles, ou se tratava apenas de uma brincadeira? A única maneira de traduzir o uso do “vous” em inglês é dando à carta um nível de formalidade equivalente. Um recurso que utilizei para tentar fazer isso foi usar o “not” em vez de contrações, como “don’t” e “haven’t”. Aliás, mais do que o uso do “vous”, tentei recriar a formalidade afetada – mesclada a explosões de prolixidade emocional – da carta.

³ Eu gosto bastante da despreocupação do escritor em relação à estrutura de frase convencional, pois reflete seu humor. Outros tradutores talvez preferissem unir as duas frases, deixando-as mais fluidas, acrescentando a palavra “Creating” no começo.

⁴ Parece haver um erro de ortografia aqui no original, a palavra “aimer” está no infinitivo e não no imperfeito, como eu esperaria. Isso talvez tenha acontecido no momento em que a carta foi copiada ou pode ser que já estivesse presente no original. Também acho estranho que ele não diga “loved me”, mas devo deixar do jeito que está.

⁵ Mais uma vez, parece haver um erro gramatical, a palavra “suffir” (bastar, ser suficiente) está no plural.

⁶ Eu inseri travessões para ajudar na compreensão do significado. Essa frase é intrincada e emocional, e quase não ha pontuação na versão em francês. Tentei manter a complexidade e a emoção, mas precisava colocar alguma pontuação para que ela não perdesse o significado também!

⁷ O significado de “generous” não é muito claro, e como a palavra está entre aspas, deduzo que se trata de algo que Sophie disse a ele e, portanto, deve ficar como está.

⁸ “Best” é uma palavra mais neutra do que “bénéfique”, usada no francês, mas a correta tradução dessa palavra – “benéficial” – realmente soava objetiva demais para descrever o amor. Optei pelo uso de “best” e resisti à tentação de dizer “the best *thing* for me”, porque ele claramente quer dizer que foi “the best *love* for me”... provavelmente em comparação ao tipo de amor que as “outras” ofereciam a ele.

I thought that writing would be a remedy, that my “restlessness” would dissolve into it so that I could find you. But no. In fact it even became worse, I cannot even tell you the sort of state I feel I am in⁹. So I started calling the “others” again this week. And I know what that means to me and the cycle that it will drag me into.

I have never lied to you and I do not intend to start lying now.

There was another rule that you laid down at the beginning of our affair: the day we stopped being lovers you would no longer be able to envisage seeing me¹⁰. You know this constraint can only ever strike me as disastrous, and unjust (when you still see B and R...) and understandable (obviously...); so I can never become your friend.

But now you can gauge how significant my decision is from the fact that I am prepared to bend to your will, even though there are so many things –¹¹ not seeing you or talking to you or catching the way you look at people and things, and your gentleness towards me – that I will miss terribly.

Whatever happens, remember that I will always love you in the same way, my own way, I have ever since I first met you;¹² that it will carry on within me and, I am sure, will never die.

But it would be the worst kind of masquerade to prolong a situation now when, you know as well as I do, it has become irreparable by the standards of the very love I have for you and you have for me, a love which is now forcing me to be so frank with you, as final proof of what happened between us and will always be unique¹³.

I would have liked things to have turned out differently.

Take care of yourself.

X¹⁴

⁹ Essa é uma maneira particularmente prolixa de se expressar, mas ela é igualmente prolixa em francês e eu quis manter os sinais do estado alterado do escritor, mesmo correndo o risco de parecer que a tradução não foi bem feita.

¹⁰ Aqui, a estrutura um tanto desajeitada da frase reflete uma estrutura de frase incomum e levemente formal em francês.

¹¹ Mais uma vez, precisei acrescentar pontuação. A construção da expressão “to miss” é bastante diferente em inglês e em francês, e precisei introduzir o travessão para manter a mesma ordem de palavras da carta em francês, na qual a palavra “missing” apresenta um impacto maior ainda, porque só aparece no final da sentença. Aliás, é interessante notar que – suponho que inadvertidamente – ele diz que sentirá saudade de *não* vê-la e de *não* falar com ela!

¹² Eu coloquei ponto e vírgula porque foi difícil manter a mesma estrutura de frase no inglês sem prejudicar o sentido.

¹³ Essa é mais uma das suas sentenças emotivas e intrincadas. Ela poderia ser reformulada inúmeras vezes, mas minha intenção é não apagar a maneira com a qual ele coordena as orações; é um sinal do seu estado emocional no momento da escrita, com ideias atropelando umas as outras.

¹⁴ Este não é propriamente um comentário de tradutora, mas um comentário mais geral: estou intrigada com esse “X”. Trata-se de um beijo ou das iniciais do escritor? Seria muito mais carinhoso terminar com um beijo... mas é uma atitude um tanto presunçosa deixar no final de uma carta tão solene e decisiva como essa apenas um beijo ou uma simples inicial.

Sophi,

Ha algm tmp vnho kerendo escrever e respnder ao seu ultimo mail. Ao mm tmp, m pareceria mlhor cnversar c/ vc e dzer o q tnho a dzer d viva voz. Mas pelo mnos sera por escrito.

Cmo vc pde ver, nao tnho estado bem ultima/te. Eh cmo c nao me reconhecesse na mnha propria existncia. 1 especie d angustia trrivel, cntra a qual nao pssso fzer grd coisa, cnao sguir adiante p/ tentar supera-la, cmo smpre fiz. Qdo nos conhecemos, vc impos 1 condicao: nao ser a “4”. Eu mantive meu cmprniso: ha msas deixei d ver as “outrs”, nao axando obvia/te 1 meio d ve-las, s/ fzer d vc 1 dlas.

Axei q isso bstase; axei q amar vc e o seu amor sriam suficientes p/ q a angustia q m faz smpre qrer bscar outrs horizntes e m impde d ser tranquilo e, s/ dvida, d ser smples/te feliz e “genroso”, c akietase c/ o seu cntato e n certza d q o amor q vc tem por mim foi o + bnefco p/ mim, o + bnefco q ja+ tive, vc sabe diso. Axei q a escrita seria 1 remedio, q meu “dsasosego” c disolveria nla p/ encntrar vc.

Mas nao. Estou pior ainda; nao tnho cndicoes squer d t explicar o estado em q me encntro. Entao, esta smana, cmecei a prcurar as “outras”. Eu sei bem o q isso significa p/ mim e em q tipo d ciclo estou entrando. Ja+ menti p/ vc e nao eh agora q vou cmeçar.

Houve 1 outra rgra q vc impos no inicio d nossa historia: no dia em q deixasemos d ser amantes, seria inconcbivel p/ vc m ver nova/te. Vc sabe q esa imposicao m parece dsastrosa, injusta (ja q vc ainda ve B., R.,...) e comprnsivel (obvia/te...); c/ iso, já+ poderia m tornar seu amigo.

Mas hj, vc pode avaliar a importncia d mnha dcisao, 1 vez q estou disposto a m curvar diante d sua vontde, pois dxar d ver vc e d falar c/ vc, d apreender o seu olhar sobre as koisas e os seres e a docura c/ qual vc m trata sao coisas das quais sentirei 1 saudde infinita. Aconteca o q acontecer, saiba q nca deixarei d amar vc da mneira q smpre amei dsd q nos conhecemos, e ese amor c estendera em mim e, tnho certza, ja+ morrera.

Mas hj, seria a pior das farsas mnter 1 stuacao q vc sabe tao bem qto eu ter se tornado irremdiavel, mm c/ todo o amor q cntimos 1 plo outro. E eh justa/te ese amor q me obriga a ser hnesto c/ vc + 1 vez, cmo ultma prva d q houve entre nos e q permancera unico.

Gostaria q as coisas tivesem tomado 1 rumo dferente.

Cuid d vc.

X

VIDENTE
Maud Kristen

Coloquei o texto na minha frente. Preferi ler as cartas.
Eu as embaralhei e as coloquei viradas para baixo. Depois, escolhi cinco cartas.
Organizei-as em forma de cruz e perguntei:

O QUE ESTÁ POR TRÁS DESSA CARTA?

Olhemos as cartas. Elas são desfavoráveis.

Um velho de capuz sozinho pela noite com sua lanterna.
Em sua solidão desencantada, não há muito lugar para o amor.

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM FELIZ,
POR CAUSA DO EREMITA

Atormentado por animais, ele tateia cegamente para tentar encontrar seu caminho...
Morbidamente instável, ele é como um graveto ao vento.

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM ESTÁVEL,
POR CAUSA DO LOUCO

A IMPERATRIZ

ELA CONTROLA A RETÓRICA

Foi com a colaboração da imperatriz – protetora dos escritores – e a destreza que ele tem com a linguagem que ele conseguiu compor essa carta.

Lobos uivam para a lua em frente ao reflexo ilusório
de uma mulher nua na água... Estamos entre mentiras e ilusões,
entre o medo do espelho e a fascinação narcisística,
entre a confusão e a complacência.

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM SINCERO,
POR CAUSA DA LUA

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM ADULTO E LIVRE,
POR CAUSA DO ENFORCADO

Nenhuma das cartas fala de desejo, amor ou lembranças.
Em confronto com a confusão da LUA, a distração e a poligamia
do LOUCO, o cansaço, a lassidão e o desinteresse pelos outros
do EREMITA, o desespero suicida do ENFORCADO,
ele tenta através da IMPERATRIZ fazer um último esforço para explicar.
O que está por trás dessa carta é pior do que o que ela diz.
É a carta de um homem que está desesperado, ameaçado,
que teve que fazer um grande esforço para conseguir dizer alguma coisa.

SOPHIE CALLE *cuide de você*

DE 23 DE SETEMBRO A 22 DE NOVEMBRO_MUSEU DE ARTE MODERNA DA BAHIA

Av. Contorno s/nº, Solar do Unhão, Salvador, BA

Tel. [71] 3117 6139 www.mam.ba.gov.br

De terça a domingo, das 13h às 19h_Sábados, das 13h às 21h

Grátis e livre para todos os públicos